

AS DUAS VIDAS DE JOAQUIM NABUCO:
O REFORMADOR E O DIPLOMATA

THE TWO LIFES OF JOAQUIM NABUCO:
THE REFORMER AND THE DIPLOMAT

LAS DOS VIDAS DE JOAQUIM NABUCO:
EL REFORMADOR Y EL DIPLOMÁTICO

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES



Ministro de Estado Embaixador Celso Amorim
Secretário-Geral Embaixador Antonio de Aguiar Patriota

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO



Presidente Embaixador Jeronimo Moscardo

*Instituto de Pesquisa de
Relações Internacionais*

Diretor Embaixador Carlos Henrique Cardim

A *Fundação Alexandre de Gusmão*, instituída em 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores e tem a finalidade de levar à sociedade civil informações sobre a realidade internacional e sobre aspectos da pauta diplomática brasileira. Sua missão é promover a sensibilização da opinião pública nacional para os temas de relações internacionais e para a política externa brasileira.

Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo, Sala 1
70170-900 Brasília, DF
Telefones: (61) 3411-6033/6034/6847
Fax: (61) 3411-9125
Site: www.funag.gov.br

As duas vidas de Joaquim Nabuco:
O Reformador e o Diplomata

The two lifes of Joaquim Nabuco:
The Reformer and the Diplomat

Las dos vidas de Joaquim Nabuco:
El Reformador y el Diplomático



Brasília, 2010

Direitos de publicação reservados à
Fundação Alexandre de Gusmão
Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília – DF
Telefones: (61) 3411-6033/6034
Fax: (61) 3411-9125
Site: www.funag.gov.br
E-mail: funag@itamaraty.gov.br

Capa:

Fotografia de Cristiano Junior, "Escravo de ganho"
8,5 x 5 cm - 1865

Equipe Técnica:

Maria Marta Cezar Lopes
Henrique da Silveira Sardinha Pinto Filho
André Yuji Pinheiro Uema
Cíntia Rejane Sousa Araújo Gonçalves
Erika Silva Nascimento
Juliana Corrêa de Freitas
Fernanda Leal Wanderley

Programação Visual e Diagramação:

Juliana Orem

Tradução e Revisão:

Fátima Ganin - Português e Espanhol
Paulo Kol - Inglês

Impresso no Brasil 2010

D866 As duas vidas de Joaquim Nabuco: o reformador e
o diplomata. – Brasília : FUNAG, 2010.
104p.

Texto em três línguas: português, inglês e
espanhol.

ISBN: 978.85.7631.254-3

1. Nabuco, Joaquim, 1849-1910. 2. Diplomacia.
I. Amorim, Celso – Discurso.

CDU: 929
CDU: 341.7(81)

Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional conforme
Lei nº 10.994, de 14/12/2004.

Sumário

As duas vidas de Joaquim Nabuco: O Reformador e o Diplomata, 9
Conferência do Ministro Celso Amorim na Academia Brasileira de Letras em homenagem ao centenário do falecimento do Embaixador Joaquim Nabuco

The two lifes of Joaquim Nabuco: The Reformer and the Diplomat, 41
Lecture by Minister Celso Amorim at the Brazilian Academy of Letters in honor of the centennial celebration of the death of Ambassador Joaquim Nabuco

Las dos vidas de Joaquim Nabuco: El Reformador y el Diplomático, 71
Conferencia del Ministro Celso Amorim en la Academia Brasileña de Letras en homenaje al Centenario de la muerte del Embajador Joaquim Nabuco



AS DUAS VIDAS DE JOAQUIM NABUCO:
O REFORMADOR E O DIPLOMATA



As Duas Vidas de Joaquim Nabuco: O Reformador e o Diplomata

Conferência do Ministro Celso Amorim na Academia Brasileira de Letras em homenagem ao centenário do falecimento do Embaixador Joaquim Nabuco

Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 2010

Meu caro Presidente Marcos Vinícios Vilaça,
Minha cara Ana Maria Machado, Secretária-Geral da Academia Brasileira de Letras,
Professor Fernando Lyra, Presidente da Fundação Joaquim Nabuco, Embaixador Afonso Arinos, meu amigo e colega,
Joaquim Aurélio Nabuco e demais familiares do nosso homenageado, Eduardo Portela, a quem devo meu primeiro cargo público, digamos, não estritamente burocrático,
Senhoras e senhores acadêmicos,
Senhores e senhoras parlamentares,
Embaixadoras, embaixadores,
Senhoras e senhores,

Sinto-me honrado em dirigir-me à Academia Brasileira de Letras na ocasião em que se homenageia o centenário do falecimento de um dos fundadores da instituição que serve de casa à literatura e à cultura brasileiras. Primeiro Secretário-Geral da Academia, o Embaixador Joaquim Nabuco foi, também, ao lado de dois outros imortais, o Barão

do Rio Branco e Rui Barbosa, um dos fundadores da moderna diplomacia brasileira.

Início esta palestra com a confissão de uma certa perplexidade, cuja superação exigirá reflexão mais extensa e profunda do que aquela que pude fazer. O título dessa Conferência foi dado há cerca de três semanas. Caso tivesse de escolher um título hoje, teria optado por algo distinto. Muito provavelmente seria *O Enigma Nabuco*, ainda que isso significasse um plágio mais ou menos consciente. É que o que mais me impressionou nesse convívio concentrado com alguns aspectos da obra e da biografia de Joaquim Nabuco foi a complexidade do personagem, insuscetível de definições simplistas. Para um observador contemporâneo mais afeito às doutrinas e teorias do século XX, Nabuco aparece como um pensador que associa atitudes absolutamente modernas com posições que, à primeira vista, ao menos, seriam “datadas”. Nada mais atual, por exemplo, que o impulso reformador em busca de justiça social que anima Nabuco. O mesmo pode-se dizer da acuidade psicológica de sua análise, não só sobre o político, mas sobre o homem Balmaceda. Sua percepção de que o futuro do Brasil está intimamente vinculado ao do conjunto da América do Sul não poderia ser mais contemporânea.

Tudo isso contrasta com sua defesa de um regime controlado por uma pequena elite (que, de resto, ele criticava), com seu temor das consequências de lideranças populares (ou populistas), tanto na França quanto no Chile (e, obviamente, no Brasil). Seu apego a autores que, diferentemente de outros do mesmo século, são totalmente desconhecidos de um estudante mediano de Ciência Política ou mesmo de História dos dias de hoje – “literatos franceses e tratadistas ingleses”, no dizer irônico de José Murilo de Carvalho¹ – é igualmente desconcertante. Por outro lado, é justamente esse convívio de contrários que torna a personalidade de Joaquim Nabuco objeto do fascínio de tantos estudiosos. É também o que a torna absolutamente moderna, quase existencialista, no sentido filosófico do termo. Como um personagem de Sartre, Nabuco é permanentemente levado a fazer escolhas: entre sua classe e sua causa, entre permanecer fiel às suas convicções monárquicas e servir à pátria, mesmo que sob regime republicano. É evidente a angústia – sentimento tão sartreano – de Nabuco diante da necessidade de ter de optar entre seus ideais abolicionistas e os

¹ CARVALHO, José Murilo de. *Quincas, o Belo*. *Folha de S. Paulo*, 17 jan. 2010.

interesses do Governo brasileiro da época, o que fica patente nas repetidas justificativas da decisão de dirigir-se ao Papa, em sentido contrário ao da diplomacia do Império.

Enigma pressupõe a possibilidade, ao menos em tese, de decifração. Não me atreveria a tentá-la em relação a personalidade tão rica, tão complexa, e, ademais, tão estudada. Chama atenção, especialmente, a contradição entre o sentimento antiescravista, que acompanha Nabuco desde a juventude e a afinidade – que tem algo de racional, algo de sentimental – com um regime político cuja base era a própria escravidão.

Diante de tantas escolhas, Nabuco não renunciou a sua liberdade. Nem pretendeu sufocar um lado de sua alma. Em outras palavras, não recorreu à “má-fé”, que o teria levado a compor um personagem talvez coerente, mas desinteressante, além de inautêntico. O enigma Nabuco é também a essência de sua grandeza.

Nabuco, homem de seu tempo

O período em que Nabuco se forjou como homem público, do final do século XIX até a primeira década do século XX, foi extremamente marcante na vida brasileira. San Tiago Dantas sintetizou com precisão o espírito daquela época: “Um contraste singular reinava entre a economia e a inteligência, entre a situação de debilidade material do país e a força com que irrompiam os sinais de uma nova mentalidade. (...) Nos mesmos anos, por um desses descompassos que fazem a maravilha do espectador, elevava-se a um nível, até então inatingido, a vida intelectual do país”².

Em um sentido amplo, os intelectuais e políticos daquela etapa – mesmo considerando a variedade de visões entre eles – compõem a geração fundadora da República brasileira. A própria noção de nacionalidade ganhava densidade intelectual naquele período de forte questionamento e elaboração teórica.

A atmosfera histórica dominada por “dois estados de espírito distintos, o realismo imediatista e o desejo por grandes coisas”³, no dizer de San Tiago Dantas, foi o ambiente em que Joaquim Nabuco transitou. O traço distintivo

² SAN TIAGO DANTAS, Francisco Clementino. *Dois momentos de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro; Casa de Rui Barbosa, 1951, p. 49-50.

³ Idem, p. 52.

dos expoentes daquela geração foi justamente esse “desejo por grandes coisas”, cada qual senhor de uma interpretação própria, mas unificados, em sentido mais profundo, na crença no futuro do País. Daí a necessidade de pensar o Brasil, de estudar sua história, de refletir sobre suas realidades.

A proclamação da República isolou Nabuco – monarquista convicto até o fim da vida política militante. Continuou ele a se dedicar, com afinco, à vida intelectual. Não se omitiu dos debates públicos. Sua contribuição está registrada nos livros que escreveu após 1889. Alguns deles integram qualquer lista de textos fundamentais para se entender o Brasil.

Passado mais de um século, o fato que mais chama a atenção no alvorecer da República – o Brasil era então considerado um país de “quinta categoria”, como assim definiu o latino-americanista inglês Percy Martin⁴ – é a confiança de homens como Nabuco nas forças profundas da nacionalidade.

É um momento hegeliano de nossa história, no qual se evidencia uma percepção da realidade que replica a visão do filósofo alemão sobre a importância das ideias. Cito Hegel: “A cada dia, fico mais convencido de que o trabalho teórico logra mais feitos do que o trabalho prático. Uma vez que o campo das ideias é revolucionado, o estado atual das coisas não continua a resistir”⁵.

É nessa atmosfera intelectual de idealismo otimista que Nabuco contribuiu para revolucionar, a seu modo, o “campo das ideias”, mesmo em um terreno habitado por vozes discordantes e contraditórias.

Nabuco, liberal, abolicionista e pioneiro da questão social

“O escravo brasileiro, literalmente falando, só tem de seu uma coisa – a morte. Nem a esperança, nem a dor, nem as lágrimas o são...”⁶. Raramente se terão escrito palavras tão fortes, tão sentidas, e, ao mesmo tempo, tão apropriadas para definir a desumanização do escravo.

O pensamento de Joaquim Nabuco transitava entre o elã reformista e a preservação da ordem estabelecida. Sua ação política pretendia transformar

⁴ MARTIN, Percy F. *Through five Republics (of South America): A critical description of Argentina, Brazil, Chile, Uruguay and Venezuela in 1905*. London: Heinemann, 1906.

⁵ HEGEL, G. W. F. Letters of January 23, 1807, and October, 1808. In: AVINERI, Sholmo. *Hegel's Theory of the Modern State*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p.68.

⁶ NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 80.

o Império em um sistema de bases mais liberais, sem, contudo, fazer ruir suas estruturas. Desejava ver, à maneira, por exemplo, de Gladstone, na Grã-Bretanha, a Monarquia brasileira progredir para um formato mais descentralizado em sua relação com as províncias; um formato em que o Poder Moderador fosse mitigado pelo Conselho de Ministros; em que a Câmara dos Deputados assumisse, em detrimento de um Senado aristocrático, a dianteira na lide das questões nacionais. Mantinha, no entanto, sua confissão monarquista, apesar de nunca ter aceitado os títulos nobiliárquicos que lhe foram oferecidos.

Nabuco queria, antes de mais nada, ver o fim da escravidão. Da tribuna, em conferências e nos artigos que publicou na grande imprensa, batalhou, com afinco, pela abolição. Mas não se contentava com a abolição da escravidão meramente formal, jurídica, no papel. Desejava ver o ex-escravo verdadeiramente integrado ao sistema produtivo e à sociedade.

Nabuco poderia ser qualificado, de acordo com terminologia mais atual, como um liberal progressista. Embora gestado no caldo cultural da aristocracia e do patrimonialismo burocrático característicos de seu século, não hesitou em confrontar o cânone político. Mesmo em prejuízo de sua trajetória eleitoral, empunhou a bandeira do abolicionismo, transformando-a na causa de sua vida pública. Para Nabuco, a manutenção do regime de escravidão era o verdadeiro grilhão que atava o Brasil ao atraso e impedia que o País atingisse a civilização. Sua profecia, infelizmente, encontrou guarida na realidade: “A escravidão permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil”⁷. Passados mais de cem anos, basta pensar na interrelação dos problemas sociais e raciais, atestada pelas estatísticas ou por qualquer olhar minimamente crítico, para comprovar a exatidão desse prognóstico.

Para Nabuco, a abolição da escravidão era, na mesma proporção, um imperativo ético e uma pré-condição para a modernização do Brasil. Nabuco terá sido, quiçá, o principal formulador conceitual da causa abolicionista. Rebouças, Patrocínio, Luís Gama, foram, antes de mais nada, mobilizadores da opinião pública. Nabuco deu consistência intelectual à causa. Associou-se à *British Anti-Slavery Society* – talvez a primeira OnG de que se tem notícia. Redigiu obras sobre a libertação dos escravos e sobre seu próprio envolvimento emocional com a causa.

⁷ NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Rio de Janeiro: Top Books, 1999, p. 163.

Em Roma, foi recebido em audiência pelo Papa Leão XIII. Tinha como missão autoimposta defender a emancipação dos escravos e pedir uma condenação da Igreja Católica à manutenção da prática de se escravizarem seres humanos. “O homem não pode ser escravo do homem”⁸, dizia, segundo linha de raciocínio que parecia sorver-se de inspiração kantiana, matizada por uma tendência talvez mais próxima do liberalismo pragmático anglo-saxão do que do igualitarismo rousseauano. Nabuco admite que “o movimento contra a escravidão no Brasil foi um movimento de caráter humanitário e social antes que religioso”. Recorreu ao Papa exatamente para pressionar os dirigentes no Brasil. Leão XIII viria a publicar uma Bula Papal que condenava a escravidão a partir de uma perspectiva humanista. Pode-se dizer, assim, que o político pernambucano teve uma pequena parcela de responsabilidade em levar a Igreja Católica, ainda no século XIX, a adotar uma visão mais avançada sobre a universalidade dos direitos humanos. A Bula, entretanto, só viria a ser publicada depois do 13 de maio de 1888, não tendo efeito prático para a causa antiescravagista no Brasil. É interessante notar a preocupação de Nabuco, registrada em *Minha Formação*, em justificar sua posição, distinta da dos governantes da época, embora próxima, no fundo, segundo sua percepção, dos sentimentos da Família Real. A diplomacia do Império levaria a melhor, mas somente no curto prazo. Os que viveram o período da ditadura militar no exercício de função pública entendem perfeitamente este conflito de lealdades. E é um testemunho em favor de Nabuco que tenha optado por defender seu ideal, em detrimento das posições reacionárias dos últimos gabinetes do Império.

Em *O Abolicionismo*, Nabuco sublinha a preocupação com o futuro sócio-econômico do ex-escravo, com a integração do brasileiro de origem africana à sociedade nacional. Ressalte-se a ausência dessa preocupação no debate político do Império e da República Velha. Nenhum partido político da Monarquia e da Primeira República – à exceção de, talvez, algum partido marginal, ou, como se diz hoje em dia, “nânico” – trazia em seu programa menção a tão relevante e crucial questão, não somente para o futuro do ex-escravo, mas para o porvir do País. O ex-escravo foi totalmente abandonado pelo Governo, pela Igreja e pelos empresários.

Referindo-se a *O Abolicionismo*, Gilberto Freyre atesta que a famosa obra “expressa um reconhecimento, nas décadas de 1870 e 80, de já haver

⁸ Idem, p. 197.

no Brasil uma questão social e não apenas um problema de substituição do trabalho escravo pelo livre”⁹. O autor de *Casa Grande e Senzala* indaga “como teria surgido em Joaquim Nabuco essa espécie de argúcia – a do político, a do parlamentar, a do analista e interprete de aspirações brasileiras, sensível à importância do social?”¹⁰. Em seu entender, a resposta está em três fatores: a Faculdade de Direito de Recife, cujo nome pioneiro era Faculdade de Ciências Sociais e Jurídicas, o autodidatismo de Nabuco e sua “condição de brasileiro de Pernambuco”¹¹.

Em 1884, Nabuco sentenciou: “As reformas de que imediatamente necessitamos são reformas sociais que levem o nível do nosso povo, que o forcem ao trabalho e deem em resultado o bem-estar e a independência que absolutamente não existem e de que nenhum governo ainda cogitou para a Nação Brasileira. (...) Eis a razão pela qual abandonei no Parlamento a atitude propriamente política para tomar a atitude do reformador social. Foi porque eu me desenganei das reformas políticas”¹².

A ideia social de Nabuco inspiraria, em 1949, ano do centenário de seu nascimento, Gilberto Freyre e um grupo de políticos e intelectuais a proporem a criação de um instituto de pesquisas sociais “destinado a cuidar de desdobramentos da questão social no Brasil. Cuidado, cujo início – apenas o início – se verificou com a incompleta e um tanto retórica abolição de 13 de maio”¹³. A iniciativa resultou na Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas em Ciências Sociais. Coerente com o pensamento e a ação do grande brasileiro, o Instituto Joaquim Nabuco tem como propósito o “estudo sociológico das condições de vida do trabalhador brasileiro da região agrária do Norte e do pequeno lavrador dessas regiões que vise ao melhoramento dessas condições”¹⁴.

⁹ FREYRE, Gilberto. “Introdução”. In: *Perfis Parlamentares. Joaquim Nabuco*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1983, p. 34.

¹⁰ Idem, p. 35.

¹¹ Idem, p. 38.

¹² NABUCO, Joaquim. *Campanha Abolicionista no Recife. Eleições de 1884*. Brasília: Senado Federal, 2010, p. 47-48.

¹³ FREYRE, Gilberto. “Introdução”. In: *Perfis Parlamentares. Joaquim Nabuco*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1983, p. 34.

¹⁴ PEDRO, Arthur. A Fundaj e as desigualdades regionais e sociais. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=377&textCode=9071&date=currentDate>>

Para além da adesão aos princípios do liberalismo clássico, Nabuco foi, portanto, pioneiro da introdução da questão social no Brasil. Mais do que um intérprete da formação do Brasil, Joaquim Nabuco foi defensor de uma agenda para o futuro, que incluía, além do fim da escravidão, a própria redefinição da questão agrária.

Nabuco e Rui: divergências de enfoques e identidade de propósitos

Interessante notar como as vidas de Joaquim Nabuco e Rui Barbosa – dois dos grandes homens públicos da *Belle Époque* brasileira, frequentemente comparados – estiveram sempre entrelaçadas. Apesar das diferenças de personalidade, opiniões e trajetórias, mantiveram inabalável amizade, admiração recíproca e compreensão.

Ambos nasceram no mesmo ano, 1849. Nabuco teve berço aristocrático-rural, e Rui vinha de uma família de classe média urbana. Foram colegas na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, militaram na política acadêmica (na agremiação estudantil Ateneu Paulistano), inspiraram-se na fonte liberal de pensamento.

Os estilos de entender e fazer política apresentam marcantes diferenças, porém. Nabuco tinha como valor principal a ordem, no caso, monárquica, que acaba por matizar seu ideário da reforma político-social, particularmente o federalismo, a abolição, a integração sócio-econômica do ex-escravo, a reforma agrária e a elevação do padrão de vida do pequeno trabalhador rural. Mudar, sim, porém dentro da ordem estabelecida.

Gilberto Freyre explica o itinerário de Nabuco: “ao apresentar-se como ‘reformador social’, ele se define por esta opção, para a época insólita, de renovação da ação política pela perspectiva social”. E acrescenta: “tomou rumos diferentes dos seguidos pelo pai [o Senador Nabuco de Araujo] rigidamente jurista. Tomou rumos sociais. Pode-se dizer que plasticamente sociais, no sentido de não serem doutrinariamente isto ou aquilo”¹⁵. Valorizou suas experiências de vida: “Para Nabuco, povo, gente do povo, homem do povo, negro, gente de cor, foram realidades com que conviveu”. A leitura das lembranças de *Massangana* endossa essa interpretação.

¹⁵ FREYRE, Gilberto. “Introdução”. In: *Perfis Parlamentares. Joaquim Nabuco*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1983, p. 47.

Afonso Arinos de Melo Franco ressaltou o “humanismo de Nabuco”, humanismo do século XIX, que combina o liberalismo com o individualismo. Esclarece que “o individualismo de então – é esta uma palavra nova, posta em circulação por Alexis de Tocqueville – era uma doutrina essencialmente liberal, uma doutrina essencialmente evolutiva, transformadora, progressista – não se confundia com o egoísmo –, mas era fundada na “crença nas possibilidades de aprimoramento e da evolução do homem”¹⁶. Para o ex-Chanceler, é esta a grande lição do “individualista e liberal” Joaquim Nabuco.

Chega a ser difícil explicar como Nabuco – indivíduo de superior inteligência, ambição legítima pelo poder e dotado de plasticidade no pensamento e na ação – priorizou a fidelidade ao Imperador D. Pedro II, mesmo após a proclamação da República, a ponto de sacrificar seu futuro político, suas possibilidades de ação prática. Mergulhou em ostracismo na solidão de Paquetá, onde já se encontrava no 15 de novembro de 1889.

Já Rui relegava a segundo plano a forma de governo, seja ela monárquica seja republicana. Aplica-se muito bem a Rui Barbosa a definição de Karl Mannheim, segundo a qual “a utopia da mentalidade liberal humanitária é a ideia”¹⁷ – ideia defendida em sua essência, independentemente das circunstâncias. Na visão de Rui, por exemplo, a democracia deveria ser tanto um valor nacional como internacional.

Assim, para Rui Barbosa, a forma de governo e sua ordem política são apenas um detalhe que pode e deve ser mudado, se for um empecilho para a implantação das ideias que defende: federalismo, liberdade individual, abolicionismo, industrialização, Estado de Direito e igualdade das nações.

Como Primeiro Ministro da Fazenda da República, Rui tentou empreender gestão modernizadora e reformista da estrutura produtiva do País, pois, como bem observou San Tiago Dantas, “desejava ver abertas as portas da oportunidade num país até então congelado pelos privilégios da classe proprietária”¹⁸.

Rui atua com determinação de aço, e tem plena consciência de que “os governos revolucionários não são, não podem ser governos econômicos”,

¹⁶ FRANCO, Afonso Arinos de Melo. “O humanismo de Nabuco”. In: FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Estudos e Conferências*. São Paulo: Editora Comercial, 1961, p. 296-297.

¹⁷ MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia: Introdução à Sociologia do Conhecimento*. Porto Alegre: Editora Globo, 1956, p. 204.

¹⁸ SAN TIAGO DANTAS, Francisco Clementino. *Dois momentos de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro; Casa de Rui Barbosa, 1951, p. 21.

conforme expressa com notável franqueza. Por outro lado, Hermes Lima – Ministro das Relações Exteriores do Governo João Goulart, e saudoso membro desta Casa –, considerando as fortes e autorizadas críticas de Rui aos vícios, principalmente às fraudes eleitorais, da Primeira República, aponta com lucidez ter sido o tribuno baiano um dos principais ideólogos da Revolução de 1930 – ou seja, da derrubada da ordem política então vigente: “Rui fora o revolucionário histórico por excelência da Segunda República”¹⁹.

Nabuco: a reforma agrária. Rui: a revolução industrial.

Nabuco profere um de seus discursos mais importantes da campanha abolicionista em Recife, na Praça de São José do Ribamar, em 5 de novembro de 1884. Nele levanta “pela primeira vez a bandeira de uma lei agrária, a bandeira da constituição da democracia rural”. Afirma que “não há outra solução possível para o mal crônico e profundo do povo senão uma lei agrária que estabeleça a pequena propriedade, e que vos abra um futuro, a vós e vossos filhos, pela posse e cultivo da terra. É preciso que os brasileiros possam ser proprietários de terra, e que o Estado os ajude a sê-lo”²⁰. Este bem poderia ser o lema do Ministério do Desenvolvimento Agrário do Governo do Presidente Lula.

Nabuco sustenta, ainda, que: “A propriedade não tem somente direitos, tem também deveres, e o estado de pobreza entre nós, a indiferença com que todos olham para a condição do povo, não faz honra ao Estado. Eu, pois, se for eleito, não separarei mais as duas questões: a da emancipação dos escravos e a da democratização do solo. Uma é o complemento da outra. Acabar com a escravidão não nos basta; é preciso destruir a obra da escravidão”²¹. Poucas vezes (se é que alguma vez), um político ou intelectual daquela época terá proferido palavras tão contundentes. Não é à toa que Alceu de Amoroso Lima, grande batalhador da liberdade e das causas sociais, se pergunta, no prefácio que escreveu, em 1966, para uma edição popular de *Minha Formação*: “Quando terá o Brasil outro Joaquim Nabuco para

¹⁹ LIMA, Hermes. *O Construtor, o Crítico e o Reformador na Obra de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958, p. 18.

²⁰ NABUCO, Joaquim. *Campanha abolicionista no Recife: eleições de 1884*. Brasília: Senado Federal, 2010, p. 57.

²¹ Idem, p. 58.

levar adiante a revolução social, a da passagem do trabalho livre ao trabalho justo, ou melhor, do nominalmente livre ao realmente livre?”²².

No ideário revolucionário de Rui Barbosa sobressai sua luta pela industrialização do Brasil. Para ele, a República só se consolidaria “quando suas funções se firmassem na democracia do trabalho industrial”²³. Rui aponta ainda como base da industrialização o ensino industrial, que, em sua visão, “inaugurará a iniciação das forças populares na obra política do Estado”²⁴. Rui instituiu, assim, a revolução democrática que seria desencadeada pela industrialização, com todos os percalços que conhecemos. Não é exagerado dizer que essa revolução teve um de seus lances mais expressivos na eleição, em 2002, de um operário, vindo do ensino industrial e das lutas sindicais para a Presidência da República.

Nabuco, patrono da reforma agrária, e Rui, pioneiro da industrialização, complementam-se e apontam os dois maiores desafios da modernização democrática do Brasil. E é mister reconhecer a audácia de Nabuco como precursor da justiça social no Brasil. Mais uma vez, é Gilberto Freyre quem assinala: “Num dos seus discursos de abolicionista, Nabuco repetiu esta frase que ele próprio chamou de ‘revolucionária’: ‘O que é o operário? Nada. O que virá ele a ser? Tudo’”²⁵. Não há aqui um eco, talvez inconsciente, de doutrinas socialistas do século XIX, que Nabuco, ele próprio, não professou?

Com a Lei Áurea, o abolicionista vence a causa de sua vida política. Como a escravidão servia de sustentáculo para o Império, a abolição antecipou o ocaso do reinado de Pedro II. E a proclamação da República abreviou a carreira política de Nabuco. O pensador pernambucano viria a ser reconduzido à vida pública por Campos Sales e pelo Barão do Rio Branco, (este, seu amigo de juventude), que lhe facultaram renascer para o serviço da Pátria, não mais no Parlamento, mas, desta feita, na diplomacia.

²² LIMA, Alceu Amoroso. “Pró Memória”. In: NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 10.

²³ LIMA, Hermes. *O Construtor, o Crítico e o Reformador na Obra de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958, p.10.

²⁴ BARBOSA, Rui. *O desenho e a arte industrial: discurso no Liceu de Artes e Ofícios em 25 de novembro de 1882*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1949, p. 56.

²⁵ FREYRE, Gilberto. “Joaquim Nabuco e as reformas sociais”. In: NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 22.

Nabuco diplomata

Político, escritor, jornalista, intelectual engajado, prócer do movimento abolicionista, Nabuco foi também diplomata de grande destaque.

Ainda na mocidade, a pedido de seu pai, Nabuco de Araújo, um dos expoentes do Segundo Reinado, Joaquim Nabuco seria nomeado adido da Legação brasileira em Washington. Nos Estados Unidos, atentou, pela primeira vez, nas movimentações no tabuleiro da geopolítica global e nas virtudes e nos vícios da democracia de massas. Há, em *Minha Formação*, análises penetrantes sobre a vida política dos Estados Unidos, em contraste com os costumes e práticas europeias.

Alguns anos depois, seria designado adido de nossa representação em Londres, embora por curto lapso de tempo, tendo tido que regressar logo ao Brasil, em função do falecimento do pai. Sobre a capital britânica afirmou, revelando grande sensibilidade: “o que há em Londres como prazer de vida não é a arte, mas o conforto; não é a regra, as medidas, o tom das maneiras; é a liberdade, a individualidade; não é a decoração, é o espaço, a solidez”.

A reflexão fez-me recordar a sensação que tive, certa ocasião, ao atravessar a Waterloo Bridge, aí pelos anos oitenta. Vivia eu na Holanda, para onde havia sido mandado pelo Itamaraty, como para uma espécie de exílio dourado, onde purgaria o pecado de haver ofendido os brios do regime militar, ao autorizar e financiar, como Presidente da Embrafilme, a película *Pra frente Brasil*, de Roberto Farias. Aproveitando alguns dias de folga – o que não era difícil de obter na pacífica Embaixada na Haia –, fui visitar meu orientador, Ralph Miliband, na capital britânica. Ao deslocar-me, a pé, do Centro Cultural do South Bank – onde estão localizados o Royal Festival Hall e a Hayward Gallery, além da cinemateca, teatros e outras salas de concerto –, em direção ao Aldwich, onde fica a London School of Economics, tive a sensação de que Londres era uma espécie de grande cérebro, no qual, como num filme de Tarkovski, se moviam pessoas e ideias, formas diferenciadas de agir e de ver o mundo. Alguns séculos antes, o grande dicionarista e filósofo Samuel Johnson havia definido a grande cidade com uma frase simples e magistral: “*He who is tired of London, is tired of life*”. Nabuco bem captou essa confluência das liberdades individuais como característica da capital britânica.

Na política brasileira do século XIX, a diplomacia oferecia-se como alternativa ao ostracismo da política eleitoral-partidária. Em período anterior

a sua profissionalização, a carreira diplomática afigurava-se como a segunda opção de políticos ou pretendentes; uma sinecura com que eram compensados nos períodos em que seus partidos estavam excluídos do exercício do poder. No Império, como, aliás, até muito recentemente na República (ainda que de forma mais contida), a atividade diplomática fazia as vezes de banco de reservas da política e do estamento burocrático.

Nabuco ingressou na diplomacia por essa porta, da mesma forma que Juca Paranhos. À época em que Nabuco foi enviado a Washington, o futuro Barão do Rio Branco seria designado Cônsul do Brasil em Liverpool, também a pedido de seu pai. Nabuco de Araújo, a propósito do futuro do herdeiro, a quem desejava ver substituir a si como homem de Estado, chegou a dizer: “seu talento não deve morrer na diplomacia”. Alceu de Amoroso de Lima faria comentário bem mais mordaz e, aliás, pouco lisonjeiro à diplomacia em seu prefácio a *Minha Formação*.

Nabuco regressaria a Londres, já no período republicano, desta vez para preparar as memórias da defesa brasileira na disputa com a Inglaterra pela posse da região do Pirara. Foi resgatado para o serviço público pelo Presidente Campos Sales, que o designou representante do Brasil na disputa de fronteiras com a Guiana Inglesa, a ser arbitrada pelo Rei Victor Emanuel da Itália.

Ao aceitar o convite, após mais de uma década de hibernação política a que se submeteu na esteira da troca de regime, o monarquista de luto converteu-se, finalmente, em funcionário da República. Afirmou que a aceitação da missão que lhe foi confiada era resposta a um chamado patriótico. Após a longa – e vitoriosa – campanha abolicionista, a nomeação para a Comissão de Limites da Guiana Inglesa marcava seu regresso ao que Ângela Alonso, uma de suas biógrafas mais recentes, classificou como seu “leito natural”: a diplomacia. Na realidade, é parte do enigma que envolve o vulto de Nabuco saber, afinal, qual era o seu leito natural: a diplomacia, a mobilização abolicionista ou a tribuna parlamentar.

Já em Londres, foi chamado a ocupar, inicialmente de forma interina, a chefia da Missão do Brasil na capital britânica, vaga desde o falecimento de seu ocupante. As relações com a Inglaterra, país que acolhera sua causa abolicionista ao fio de tantos anos, andavam estremecidas: além da invasão da Ilha da Trindade, em 1895, à revelia da soberania brasileira, a ocupação da região emoldurada pelos rios Tacutu, Cotingo e Rupununi opunha o Rio de Janeiro a Londres.

A mediação italiana resultou em bipartição – supostamente – salomônica do Pirara. O laudo arbitral do Rei Victor Emanuel concedeu 3/5 do território disputado à Grã-Bretanha, e 2/5 ao Brasil. O argumento brasileiro sobre o *uti possidetis* – o título de propriedade sobre um território com base na anterioridade e antiguidade da ocupação – havia sido refutado. A decisão foi vista como uma derrota diplomática para Nabuco e para o Brasil. O contraste com as vitórias do Barão do Rio Branco nas questões de Palmas e do Amapá também alimentaram a interpretação de que o Brasil havia sido alienado de território que lhe cabia.

A opinião pública e a historiografia viriam a redimir Nabuco. Há um quase consenso de que a escolha do árbitro influenciou o resultado do laudo arbitral, muito mais do que a qualidade das memórias preparadas. O mediador italiano, que nutria pouco discretas simpatias pela Inglaterra, buscou solução que não melindrasse Londres. A despeito da relativa falta de precisão histórica e técnica do laudo arbitral, a decisão italiana foi plenamente acatada pelo Governo brasileiro. O respeito às decisões arbitrais sobre nossos limites tem sido sempre um postulado de nossa diplomacia.

Joaquim Nabuco seria nomeado, em 1905, primeiro Embaixador do Brasil em Washington, assim que a Legação brasileira nos Estados Unidos foi promovida à categoria de Embaixada – a primeira entre todas.

Na época, o *status* de “Embaixada” era privilégio concedido às grandes potências. Era considerado uma mostra de hierarquia superior, e, ademais, havia um efeito prático: o Embaixador tinha acesso ao Presidente de uma maneira que o Ministro de Legação não tinha. O gesto de elevar a Legação dos Estados Unidos, portanto, não estava desprovido de simbolismo político: sinalizava que o Brasil republicano passava a atribuir prioridade à agenda continental. Era a materialização da transferência do eixo preferencial da diplomacia brasileira da Europa para as Américas. No mesmo ano, como manifestação de reciprocidade, foi no Rio de Janeiro que os Estados Unidos também inauguraram sua primeira Embaixada na América do Sul.

Ao assumir a Embaixada em Washington, Nabuco trabalhou em sintonia com o Barão do Rio Branco para estreitar as relações com os Estados Unidos, país que já dava mostras da importância que iria adquirir ao longo do século XX. Em pouco tempo, Nabuco conquistou grande prestígio na capital norte-americana, a ponto de o Presidente Theodore Roosevelt ter aconselhado um diplomata recém-chegado a conhecer logo o Embaixador do Brasil, segundo ele, “porque não há em Washington personalidade mais interessante”.

A “aliança não-escrita”, assim definida pelo historiador Bradford Burns, forjava-se na percepção do peso relativo das duas repúblicas no hemisfério. Mesmo antes de assumirem o *status* de superpotência, os Estados Unidos dos tempos do Barão e de Joaquim Nabuco balanceavam, de certo modo, o eurocentrismo que dominava as relações internacionais. Pode-se dizer que o laudo arbitral sobre o diferendo com a Inglaterra traumatizara Nabuco. Como assinala Rubens Ricupero, mais do que o resultado em si, passou a preocupar Nabuco seu arrazoado, que poria em risco nossa soberania sobre boa parte do território nacional, especialmente na Amazônia. Daí a afirmação, que hoje pode até soar simplista, segundo a qual, “para nós a escolha é entre o monroísmo e a recolonização europeia”²⁶.

A aproximação com os Estados Unidos da primeira década do século XX não estava, portanto, eivada de nenhum sentido de subserviência ou de assombro. O cálculo de Rio Branco e de Joaquim Nabuco era de que os Estados Unidos estavam dispostos a impedir ingerências europeias no Continente americano. Além disso, tal movimento reforçava a posição do Brasil em sua vizinhança imediata.

A “alta inteligência”, para recorrer ao jargão diplomático da época (hoje talvez se dissesse “parceria estratégica”) com os Estados Unidos parecia, assim, de grande interesse para o Brasil. Com o benefício da visão retrospectiva, pode argumentar-se que Nabuco nutria uma visão que viria a revelar-se talvez excessivamente otimista sobre o comportamento dos Estados Unidos como potência global. Se, por um lado, conforme previu em *Balmaceda*, aquele País optou por não se lançar em aventuras neocoloniais do tipo praticado pelas potências europeias, a evolução dos fatos não confirmou sua opinião de que Washington não buscava estabelecer uma esfera de influência própria na América Latina e Caribe.

Como Embaixador brasileiro em Washington, Nabuco trabalhou para fazer do Rio de Janeiro a sede da Terceira Conferência Pan-americana de 1906. Vitorioso, fez gestões para que o Secretário de Estado Elihu Root viesse ao Brasil, no que passou à História como a primeira visita do chefe da diplomacia americana ao exterior. Nabuco presidiu a Conferência, tendo-se empenhado, em seus eventos preparatórios, em evitar que as rugas entre países do continente impedissem que o encontro chegasse a bom termo.

²⁶ DÁVILA, Sérgio. *De pernas para o ar*. Folha de S.Paulo, São Paulo, 17 jan. 2010.

De volta a Washington, imbuídos do espírito de integração continental, Root e Nabuco trabalharam conjuntamente pela expansão do *Bureau* das Repúblicas Americanas, que chegou a ter suas atividades concentradas na Residência do Embaixador do Brasil. A União Pan-americana, que viria a ser formalizada na Conferência Pan-americana de Buenos Aires, já após o falecimento de Joaquim Nabuco, é, evidentemente, um embrião da atual Organização dos Estados Americanos.

Em vista de seu sucesso na condução da Conferência Pan-americana, Nabuco foi cogitado para assumir a chefia da delegação brasileira que seria enviada à Haia para a Segunda Conferência de Paz. O evento provocava grande movimentação na comunidade internacional. Na Haia, seriam definidas as próprias bases do direito internacional. Em face de problemas de saúde, que já enfrentava, e do convite de Rio Branco a Rui Barbosa, Nabuco somente pôde colaborar com os preparativos para a atuação brasileira na Conferência.

Rio Branco, homem público acima de tudo racional, aceita a impugnação do nome de Nabuco – seu escolhido – por influentes setores republicanos, para chefiar a delegação brasileira. Acolhe a indicação do nome de Rui Barbosa para ser o representante do Brasil nessa pioneira e importante assembleia internacional – a primeira na história a reunir todos os Estados soberanos.

Apesar da campanha movida contra seu nome pelo *Correio da Manhã*, Joaquim Nabuco demonstrou grandeza de espírito ao apoiar e colaborar com o amigo Rui Barbosa na estreia do Brasil na política global. Prepara perfis dos delegados que conhece – os Embaixadores aqui presentes reconhecem a importância dessa tarefa quando nos preparamos para uma negociação –, e troca farta correspondência com o Chefe da delegação brasileira. Entre as sugestões que faz a Rui, Nabuco lembra o exemplo da missão do Conde Witte aos Estados Unidos, por ocasião do Tratado de Portsmouth, oportunidade em que o enviado russo sai das regras e das etiquetas, dirigindo-se à imprensa americana e “conquistou para seu país a boa vontade geral”. Recomendava Nabuco a Rui: “Você não é um diplomata de carreira está numa missão em que o estadista não tem que considerar protocolos, nem formulários e por isso pode libertar-se de quantas regras tolas e anacrônicas que ainda prendem o nosso ofício, num tempo em que a opinião é a força das forças em política”²⁷. Em muitos embates recentes e

²⁷ BARBOSA, Rui & NABUCO, Joaquim. *Meu caro Rui, meu caro Nabuco, correspondência*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 1999, p. 54.

atuais da diplomacia brasileira, sobretudo em questões econômicas e comerciais, as lições de Nabuco continuam a servir de inspiração.

Foi nas Conferências do Rio de Janeiro e da Haia que o Brasil debutou na diplomacia multilateral. O multilateralismo viria a se consolidar como um canal privilegiado de expressão dos princípios, pontos de vista e interesses brasileiros no mundo. Uma ordem internacional organizada por regras previsíveis e em que se constringem o arbítrio e o uso unilateral da força é não só moralmente desejável como também do mais profundo interesse para uma nação de vocação pacífica como o Brasil. Não é exagerado crer que o Brasil, desde aquele momento, tenha desenvolvido uma visão verdadeiramente multilateralista das relações internacionais.

Nabuco, entretanto, nutria opinião algo distinta daquela de Rui. Ao contrário de Rui Barbosa, que na Segunda Conferência Internacional da Haia se consagrou pela defesa da igualdade soberana entre os Estados, o pernambucano acreditava que a extensão de direitos iguais para todos os países representava, na verdade, manancial de desigualdade no cenário internacional. Segundo seu raciocínio, os países mais populosos ficariam, em termos proporcionais, sub-representados em uma ordem internacional formada por unidades que se beneficiassem das mesmas prerrogativas jurídicas. É um debate que continua vivo, se não na teoria, pelo menos na prática, e que pode ser resumido, por exemplo, pela latente disputa de competências entre a Assembleia Geral e o Conselho de Segurança da ONU. Também está presente na polêmica em torno das novas configurações informais da chamada “governança global”, no fim do século passado e no início do atual: G-8, G-20 e todos esses “gês”.

A visão de Rui triunfou. Convencido, o Barão do Rio Branco instruiu a delegação brasileira à Haia a defender a tese de que qualquer país independente, a despeito de suas dimensões, da região em que estivesse localizado ou de seu grau de “civilização” (era este mesmo o termo utilizado), seriam titulares dos mesmos direitos nas relações internacionais. A defesa da igualdade soberana dos Estados tornou-se, desde então, um pilar da ação externa brasileira.

Apesar dos argumentos que expôs em longa missiva a Rui Barbosa, Nabuco não poderia ser definido como um defensor da desigualdade ou da hierarquização entre países. Ele compreendia essa desigualdade como uma situação de fato, e buscava reservar ao Brasil o espaço de grandeza, segundo ele, correspondente à sua dimensão. Entendia que, em um sistema organizado

pela diferença de capacidades relativas entre os países, ao Brasil cabia a inclusão no rol dos “grandes”.

O pensamento realista de Nabuco estava, naturalmente, influenciado pelas noções de seu tempo. A principal preocupação dos formuladores de política externa brasileira de então, bem como de outras nações militarmente fracas, era a preservação da integridade territorial e da soberania nacional (já me referi ao “trauma do Pirara”). Da preocupação, respectivamente de Rui e Nabuco, com a universalidade dos princípios e com a preservação da soberania nacional, resultou o histórico compromisso brasileiro com uma ordem internacional fundada em regras.

O pensamento diplomático de Nabuco: a questão da América Latina e da América do Sul

Forjado em uma matriz cultural eminentemente europeia, Nabuco foi tomado de fascínio pela sociedade norte-americana, pela vivacidade de sua democracia, pela abertura do país aos fluxos migratórios. O que veio a ser confundido, por um certo revisionismo histórico, como deslumbramento, era, na verdade, fascínio com a própria ideia de modernidade. Nas conferências que proferiu em várias universidades americanas, entre as quais se destacam as de Chicago e Wisconsin, transparece sua admiração pelo Novo Mundo e pela contribuição que acreditava que os Estados Unidos dariam à civilização, dizia ele, “para além do tabaco”²⁸.

Merece destaque a análise do cenário internacional que Nabuco faz em carta a Campos Sales, em 1906. O Embaixador brasileiro em Washington enxerga com clareza a relevância da política exterior, e expressa sua preocupação com a elevação do nível de tensão entre as potências do período: “Minha impressão é que para todos os países da Europa e da América o problema externo tende cada dia mais a sobrepujar os problemas internos, porque estamos caminhando para uma época em que a sorte de todos eles, sem exceção, tem que ser afetada pela solução que tiver o conflito de influência e preponderância entre os grandes sistemas atuais de força” – e é interessante notá-los – “como sejam a Tríplice e a Dupla Aliança, o Império Britânico e a doutrina Monroe”²⁹.

²⁸ ALMINO, João. "O pote de barro e o pote de ferro: a utopia de Nabuco para as duas Américas". In: Política Externa. São Paulo: Editora Paz & Terra. Vol. 18, nº2, Set/Out/Nov. 2009, p. 149.

²⁹ NABUCO, Carolina. *A vida de Joaquim Nabuco*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 2ª ed. 1929. *Apud* LEITE, Beatriz W. de Cerqueira. *Joaquim Nabuco*. São Paulo: Ícone, 2001, p. 118.

O decantado pan-americanismo de Nabuco por vezes oculta a importância que ele atribuía às relações com os países vizinhos mais próximos. Presentiu o grande estadista que o continente sul-americano está unido não somente pela circunstância geográfica, mas também pela escolha de uma forma de governo que revela um sentido de destino comum: já na época, o sistema republicano.

Em *Balmaceda*, obra notável, sobretudo pelo pioneirismo que representa esse estudo sobre um estadista, seu contemporâneo, de outra nação sul-americana, Nabuco afirmou: “O interesse que antes já me inspiravam as coisas sul-americanas aumentou naturalmente depois da Revolução de 15 de novembro. Desde então, começamos a fazer parte de um sistema político mais vasto. Desse modo, o observador brasileiro, para ter ideia exata da direção que levamos, é obrigado a estudar a marcha do Continente, a auscultar o murmúrio, a pulsação continental”³⁰. O moderno impulso integracionista, que levou à criação do Mercosul e da Unasul, não poderia encontrar expressões mais felizes e apropriadas.

No livro sobre o estadista chileno, Nabuco adiantou a prioridade que confere à América do Sul para a inserção internacional do Brasil. Aponta, com firmeza, a necessidade de um caminho próprio: “A solução do problema tem assim que ser procurada dentro de cada um dos nossos países, mas depende da formação em torno deles de uma opinião interessada em seu resgate, que auxilie os esforços, ou, quando mais não seja, registre os sacrifícios dos que em qualquer parte lutarem pela causa comum”³¹. Não é outra a inspiração, por exemplo, da cláusula democrática do Mercosul.

É um dos primeiros intelectuais brasileiros a trabalhar e priorizar o conceito de América do Sul. Coloca-se como um “espectador sul-americano”, chama a atenção para o fato de que “dia a dia torna-se mais importante, para nós, conhecer o estado político da América do Sul”³².

O livro sobre o presidente chileno logra, a um só tempo, radiografar um momento histórico da circunstância regional, a revolução chilena de 1891, e descreve, até com certo registro trágico-poético, o quadro psicológico da personagem central. A composição de Nabuco sobre o isolamento e a solidão que levaram Juan Manuel Balmaceda a tirar sua própria vida, enquanto asilado

³⁰ NABUCO, Joaquim. *Balmaceda*. Brasília: Senado Federal, 2003, p. 167.

³¹ Idem, p. 170.

³² Idem, p. 12-13.

dentro da Legação argentina em Santiago, não recorre a imagens fáceis ou à dramatização edificante. Além de extraordinário esforço, historiográfico e literário, revela a densidade intelectual e a profundidade de análise do autor.

É traçado paralelo, frequentemente (inclusive numa ode de Pablo Neruda), entre a trajetória de Balmaceda e a de Salvador Allende. A plataforma de governo progressista, a alienação dos setores mais conservadores da sociedade e o fim trágico seriam elementos presentes nas biografias desses dois líderes chilenos. Não é possível, tampouco, ler a descrição de Nabuco dos últimos dias de Balmaceda sem evocar a memória de outros políticos que escolheram abreviar dramaticamente suas próprias vidas.

A figura de Balmaceda, por quem o autor nutre doses similares de interesse e de antipatia, serve de pretexto para o verdadeiro mote central do livro: as tensões presentes no regime presidencialista entre participação popular e ordem pública, entre autoridade e democracia, entre eficácia e representatividade. Não há uma palavra sobre o substrato econômico do balmacedismo. Não há menção ao controle sobre o salitre, por exemplo. Joaquim Nabuco discorre, na obra, sobre o equilíbrio de poderes entre o Executivo e o Legislativo em uma república, sob a ótica dos perigos da excessiva concentração do poder. Monarquista e liberal, Nabuco perfilou-se, no campo das ideias, aos parlamentares republicanos chilenos. Mais importante que este tipo de escolha é o esforço de análise de dilemas institucionais até hoje vivos, a partir do estudo de uma situação específica vivida por um país sul-americano.

Em *Balmaceda* vem à superfície a percepção de Nabuco acerca da importância da estabilidade da região e do progresso dos vizinhos para o Brasil. Com grande atualidade, diz ele: “A liberdade argentina tornou-se um interesse direto para o Brasil, como era para os argentinos a liberdade chilena no tempo de Rosas. É do interesse do boliviano e do peruano que o Estado mais vizinho lhe ofereça um asilo seguro, e sirva ao seu país de estímulo”³³.

Apesar de algo longo, cito, por extenso, dada sua importância para a compreensão do sentimento de Nabuco, um parágrafo do *Post Scriptum* do livro, intitulado *A questão da América Latina*: “Desde que é preciso aceitar o inelutável” – isto é, a República – “o estudo da Revolução chilena tem grande interesse para nós do ponto de vista da evolução política do Hemisfério. De fato, dado o progresso da moral universal, não é possível que

³³ Idem, p. 170.

a civilização assista indefinidamente impassível ao desperdício de força e atividade humana que se dá em tão grande escala em uma das mais consideráveis seções do globo, como é a América Latina. A manutenção de um vasto continente em estado permanente de desgoverno, de anarquia, é um fato que dentro de certo tempo há de atrair forçosamente a atenção do mundo, como afinal a atraiu o desaproveitamento da África. Como se fará a redenção dos países centro e sul-americanos? Onde acharão eles amparo contra os seus governos extortores? Como se fará nascer e crescer em cada um deles a consciência do Direito, da Liberdade, e da Lei, que neles não existem, por não ter sanção alguma?”³⁴. Ainda hoje, os muito progressos alcançados na sedimentação do estado democrático na América Latina e Caribe, bem como os avanços econômicos e sociais da região, não podem servir de pretexto para que se baixe a guarda.

Merece registro, na dimensão sul-americana de Nabuco, a intenção por ele expressa, em carta ao Barão Homem de Melo, em 1882, de “fundar e dirigir no Brasil um jornal”³⁵, que teria, entre seus propósitos, ser um periódico “sul-americano interessado em desenvolver relações que não existem entre o nosso e países como a República Argentina e o Chile. Um jornal assim, estou certo, seria o maior serviço que se poderia prestar ao Brasil”³⁶.

No horizonte ideológico em que um homem de seu tempo podia mover-se, o pan-americanismo afigurava-se como a expressão de uma integração regional possível. Nabuco abraçou essa causa com ardor. Chegou a prenciar a formação de uma comunidade política nas Américas. O desenvolvimento altamente assimétrico no continente americano faz com que essa visão seja hoje matizada por natural cautela. Subsiste, por certo, o interesse em estreitar a cooperação entre todos os países das Américas, mas seria arriscado falar em integração entre entidades com tanto desnível de poder.

A integração regional assume, assim, formas diversas. O Mercosul, estruturado, inicialmente, para incentivar o aumento do intercâmbio econômico, apesar da forte motivação política que inspirou os seus primórdios, constituiu a vértebra central de um processo de afirmação da América do Sul

³⁴ Idem, p. 168.

³⁵ NABUCO, Joaquim. *Cartas a amigos*. Apud LEITE, Beatriz W. de Cerqueira. *Joaquim Nabuco*. São Paulo: Ícone, 2001, p. 128-9.

³⁶ Ibidem.

como espaço geopolítico. A União de Nações Sul-Americanas, a UNASUL, ao ter logrado envolver todos os países do continente em torno de um projeto de coordenação política, significou um passo adiante nessa caminhada. No final de 2008, a convite do Presidente Lula, foram reunidos, na Costa do Sauípe, na Bahia, os Chefes de Estado de todos os países da América Latina e Caribe. Foi nesta Conferência – a CALC, como ficou conhecida – que todos os países da região se encontraram, pela primeira vez, em dois séculos de História, tendo como base uma agenda própria, sem tutela externa.

Vale a pena, novamente, recorrer a Nabuco, desta vez, em *O Estadista do Império*: “A política exterior é a política por excelência, sobretudo para as nações quase de futuro, como o Brasil”³⁷. A referência ao País “quase de futuro” não era exceção no pensamento dos homens da época. A crença na excepcionalidade do País, acompanhada da percepção de que o Brasil só alcançaria sua grandeza quando cruzasse a linha de chegada da modernidade, inquietava aquela geração. Rui Barbosa, por exemplo, acreditava que o Brasil figurava entre as “nações repletas de porvir”. A formulação clássica de Stephen Zweig, concebida já em meados do século XX, povoou o imaginário coletivo brasileiro por gerações.

Nabuco, Barbosa e o austríaco Zweig, cada um a seu modo, acertaram no prognóstico. A noção de “quase futuro”, em um primeiro momento dispensou o “quase”, e, depois, fez do futuro o presente – como reconhecem hoje governos estrangeiros e a opinião pública mundial. A política exterior – “a política por excelência”, como define Nabuco – assume uma parte da responsabilidade desse processo, ao traduzir no cenário internacional a atitude de uma nação que, altivamente, pretende contribuir para a formação de uma ordem mais multipolar, mais democrática, mais justa e mais solidária.

Nabuco, Quixote brasileiro

Guiado, em toda a sua trajetória, pelo casamento entre a teoria e a prática, Joaquim Nabuco pode ser considerado como um dos mais completos políticos nacionais.

³⁷ NABUCO, Joaquim. *Um estadista do Império*. Rio de Janeiro: Top Books, 1997, p. 829.

Ele revela, em *Minha Formação*, as duas fontes principais para a fixação de suas convicções. A primeira é teórica – o livro *A Constituição Inglesa*, de Walter Bagehot, obra sobre a qual confessa: “tirei dela, transformado-a a meu modo, a ferramenta toda com que trabalhei em política, excluindo somente a obra da abolição, cujo estoque de ideias teve para mim outra procedência”³⁸.

A outra fonte é prática, a experiência decisiva de sua infância, narrada no capítulo *Massangana*, no qual “a escravidão para mim cabe toda”³⁹, diz ele. Sua “identificação humana com os escravos”, segundo seus próprios termos, seria “um quadro inesquecido da infância, em uma primeira impressão, que decidi, estou certo, do emprego ulterior de minha vida”⁴⁰.

A capacidade de unir a teoria à prática se revela, de modo especial, em *O Abolicionismo*, que, no entender de Francisco Iglésias, é: “a reflexão mais coerente, profunda e completa já feita no Brasil sobre o assunto, (...) um dos livros mais importantes das ciências sociais jamais escritos no Brasil”⁴¹. A opinião é corroborada, entre outros, por Evaldo Cabral de Melo, que, em conferência pronunciada no Itamaraty, em 1999, por ocasião do sesquicentenário do nascimento do nosso homenageado, aponta a centralidade, para Nabuco, da escravidão como elemento definidor da sociedade brasileira.

Nabuco foi um intelectual capaz de ver as realidades de seu tempo além de sua posição de classe ou de sua filiação ideológica. Conforme enfatizou Gilberto Freyre, Nabuco foi “um desertor de sua casta, de sua classe, de sua raça, cujos privilégios combateu com (...) vigor e (...) desassombro”⁴². Leonardo Dantas Silva nos remete, nesse contexto, a um discurso de 1884, dirigido à classe dos Artistas Pernambucanos, em que Nabuco repudia a identificação com os proprietários de Terra e com os comerciantes: “escolheria”, diz ele, “o insignificante, o obscuro, o desprezado elemento operário, porque está nele o germe do futuro da nossa pátria; porque somente o trabalho manual dá força, vida, dignidade a um povo”⁴³.

³⁸ NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Rio de Janeiro: Top Books, 1999, p. 27.

³⁹ Idem, p. 162.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ IGLÉSIAS, Francisco. "Texto Introdutório". In: NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. In: SANTIAGO, Silvano (coord.). *Intérpretes do Brasil volume I*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000, p. 13.

⁴² FREYRE, Gilberto. Joaquim Nabuco e as reformas sociais. In: *NABUCO, Joaquim. O Abolicionismo*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 15.

⁴³ NABUCO, Joaquim. *Campanha abolicionista no Recife: eleições de 1884*. Brasília: Senado Federal, 2010, p. 135.

Em outro registro, vale a pena lembrar a vigorosa defesa que Nabuco, católico, fez da secularização das instituições, tanto para os vivos como para os mortos. Certa feita proferiu, no Parlamento, discurso em que denunciou que “o cadáver do general Abreu e Lima passou pelas ruas do Recife sem que a autoridade civil, que tinha jurisdição sobre o cemitério municipal, (...) reclamasse o corpo para dar-lhe sepultura. (...) Quando se tirou a prova que não eram só os vivos, mas eram também os mortos que estavam sujeitos à perseguição religiosa”⁴⁴. Observe-se que Abreu e Lima – o general brasileiro que foi companheiro de Simon Bolívar – defendia um ideário político de inspiração socialista, e que Nabuco era um liberal. Tal diferença de pontos de vista não arrefeceu a defesa que Nabuco, numa atitude digna do famoso aforismo de Voltaire, fez dos direitos humanos e da dignidade de Abreu e Lima, mesmo depois de morto. Como se sabe, o cadáver do general bolivariano foi, afinal, sepultado no “Cemitério dos Ingleses”, mais tolerante em matéria religiosa.

Machado de Assis, grande amigo e admirador de Nabuco, registra a “isenção de espírito” do grande pernambucano: “O seu juízo da Revolução Praieira (...) me pareceu excelente. Não traz aquele cheiro partidário, que sufoca os leitores”⁴⁵.

A racionalidade de tonalidade britânica (i.é, pragmática) de Nabuco, sublinhada por Gilberto Freyre, não prejudicou sua adesão a princípios, nem levou ao abandono do idealismo. Em *Minha Formação*, assim define sua vocação de homem público: “Procurei na política o lado moral, imaginei-a uma espécie de cavalaria moderna, a cavalaria andante dos princípios e das reformas”⁴⁶.

Essa autodefinição nos remete à figura de Don Quixote em sua fidelidade a um ideal, na doação de si mesmo a uma causa, tão bem descrita por San Tiago Dantas em seu famoso ensaio *Don Quixote, apólogo da alma ocidental*.

No prefácio de *Minha Formação*, Nabuco fez uma digressão, reveladora de sua atitude diante da vida e da sociedade, em que dá indícios de que sua verdadeira causa, tão ou mais que a própria abolição, foi o Brasil. Cito uma passagem que certamente servirá de inspiração àqueles que estão na vida

⁴⁴ *Perfis Parlamentares. Joaquim Nabuco*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1983, p. 205.

⁴⁵ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Coluna em *A Semana*, [Rio de Janeiro?], 22 mar. 1895.

⁴⁶ NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Rio de Janeiro: Top Books, 1999, p. 45.

pública: “Se alguma coisa observei no estudo do nosso passado, é quanto são fúteis as nossas tentativas para deprimir, e como sempre vinga a generosidade. Não dou, entretanto, o *bon à tirer* a este livro, senão porque estou convencido de que ele não enfraquecerá em ninguém o espírito de ação e de luta, a coragem e a resolução de combater por ideias que repute essenciais, mas somente indicará alguma das condições para que o triunfo possa ser considerado uma vitória nacional, ou uma vitória humana, e para que a vida, sem ser uma obra de arte, o que é dado a muito poucos, realize ao menos uma parcela de beleza”⁴⁷.

O enigma Nabuco

Nabuco provoca surpresas pelo foco pessoal na pioneira autobiografia *Minha Formação*, pela denúncia de toda a sociedade em *O Abolicionismo*, e pela exaltação e também crítica indireta que faz da “grande era brasileira” em *Um Estadista do Império*. Onde está afinal a essência de Nabuco?

É, por um lado, “desertor de sua casta, de sua classe, de sua raça”, no dizer de Gilberto Freyre, e, por outro, mantém uma fidelidade quase incompreensível à monarquia e a D. Pedro II. O monarquista e o reformista social, o diplomata e o teórico humanista, o defensor da ordem e da libertação humana, todos conviviam no espírito de Joaquim Nabuco. Mais do que a evolução do dândi juvenil para o intelectual engajado da maturidade – do Quincas o Belo para o abolicionista –, a ausência de aparente coesão em seu sistema de crenças amplifica seu caráter enigmático. A grandeza de Joaquim Nabuco também é descortinada pela natureza não-linear de seu pensamento.

Numa tentativa de compreensão da personalidade de Nabuco, destaca Francisco Iglésias que “a aparência apolínea do moço predestinado à política escondia um homem sensível, angustiado, muitas vezes perto do desespero”⁴⁸.

*“Il fait jour dans votre âme ainsi que sur vos fronts.
La nôtre est une nuit où nous (nous) égarons”*

⁴⁷ Idem, p. 20.

⁴⁸ IGLÉSIAS, Francisco. "Texto Introdutório". In: NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. In: SANTIAGO, Silviano (coord.). *Intérpretes do Brasil volume I*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000, p. 9.

Este verso do poema trágico *Toussaint Louverture*, de Lamartine é utilizado por Nabuco como epígrafe do seu *O Abolicionismo*. A evocação do herói da independência haitiana é de uma dramática oportunidade. Este achado, quase casual, em meio ao garimpo dos textos de Nabuco, me leva a concluir esta palestra com uma sentida e profunda homenagem aos muitos – brasileiros, haitianos e pessoas de uma plêiade de nacionalidades – que tiveram suas vidas ceifadas pelo terremoto que vitimou o Haiti, no dia 12 último. E não só a eles, mas aos que, com teimosia, lutam por sobreviver – ou para fazer com que outros sobrevivam. O Brasil assumiu um compromisso irreversível com o presente e com o futuro deste país irmão e seu povo sofrido. Nossas Forças Armadas lideram o componente militar da operação de paz da ONU no Haiti, desde 2004, tendo contribuído para a estabilização do país e para o bem-estar dos haitianos. Muitos dos brasileiros que perdemos na tragédia da semana passada se encontravam no Haiti para ajudar nesta tarefa. Pôde-se rastrear, no pensamento de Joaquim Nabuco, a solidariedade regional – e por que não dizer as afinidades afro-americanas? – como um princípio de ação diplomática. Nabuco acreditava que os destinos dos países do continente estavam entrelaçados. O sofrimento do povo haitiano é, agora mais do que nunca, comungado pelo povo brasileiro – e motivo adicional para o nosso engajamento. A homenagem ao Embaixador Joaquim Nabuco e ao seu empenho pela dignidade de todos os seres humanos é, por extensão, uma homenagem aos que se dedicam, inclusive, às vezes, com o sacrifício da própria vida, à melhora das condições de vida do homem sobre a Terra.

Muito obrigado.

Bibliografia

ALMINO, João. “O pote de barro e o pote de ferro a utopia de Nabuco para a duas Américas”. In: *Política Externa*. São Paulo: Editora Paz & Terra. Vol. 18, nº 2, Set/Out/Nov. 2009.

ALONSO, Ângela. *Joaquim Nabuco. Perfis brasileiros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

AMADO, Gilberto. “Nabuco no Teatro da Abolição”. In: NABUCO, Joaquim. *Minha Formação no Recife*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1955.

BARBOSA, Rui. *O Desenho e a Arte Industrial – discurso no Liceu de Artes e Ofícios em 25 de novembro de 1882*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1949.

_____. & NABUCO, Joaquim. *Meu caro Rui, meu caro Nabuco, correspondência*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 1999.

BURNS, Bradford E. *A aliança não escrita. O Barão do Rio Branco e as relações Brasil-Estados Unidos*. Rio de Janeiro: EMC, 1999.

CARVALHO, José Murilo de. “Quincas, o Belo”. In: *Folha de S. Paulo*, 17/1/2010.

DÁVILA, Sérgio. “De pernas para o ar”. In: *Folha de S. Paulo*, 17/1/2010.

FERNANDES, Raul. *Joaquim Nabuco, diplomata*. Rio de Janeiro: MRE.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. “O Humanismo de Nabuco”. In: *Estudos e Conferências*. São Paulo: Editora Comercial, 1961.

FREYRE, Gilberto. “Joaquim Nabuco e as Reformas Sociais” In NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

_____. “Introdução”. In: *Perfis Parlamentares. Joaquim Nabuco*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1983.

_____. “O Instituto Joaquim Nabuco”. In: FREYRE, Gilberto. *Perfis Parlamentares*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1994.

_____. “Introdução”. In: NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Brasília: Senado Federal, 1998.

HEGEL, G. W. F. “*Letters of January 23, 1807, and October, 1808*”. In AVINERI, Sholmo, *Hegel’s Theory of the Modern State*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

IGLÉSIAS, Francisco. “Texto Introdutório”. In: NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. In: *Intérpretes do Brasil volume I*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2000.

LIMA, Hermes. *O Construtor, o Crítico e o Reformador na Obra de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Coluna em *A Semana*. 22/3/1895.

MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia – introdução à Sociologia do Conhecimento*. Porto Alegre: Editora Globo, 1956.

MARTIN, Percy F. *Through Five Republics (of South America) A critical description of Argentina, Brazil, Chile, Uruguay and Venezuela in 1905*. London: William Heinemann, 1906.

MELLO, Evaldo Cabral (Org.). *Joaquim Nabuco. Diários. Volumes I e II*. Rio de Janeiro: Bem Te Vi Produções Literárias & Editora Massangana.

MENCK, José Theodoro M. Menck. *A questão do Pirara (1829-1904)*. Brasília: FUNAG, 2009.

NABUCO, Joaquim. *Um estadista do Império. Volume único*. São Paulo: Ed. Nova Aguilar, 1975.

_____. *O Abolicionismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

_____. *Minha Formação*. Rio de Janeiro: Top Books, 1999.

_____. *Balmaceda*. Brasília: Senado Federal, 2003.

_____. *Campanha Abolicionista no Recife. Eleições de 1884*. Brasília: Senado Federal, 2010.

SAN TIAGO DANTAS, Francisco Clementino. *Dois Momentos de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro; Casa de Rui Barbosa, 1951.

_____. *D. Quixote um apólogo da alma ocidental*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1979.



THE TWO LIVES OF JOAQUIM NABUCO:
THE REFORMER AND THE DIPLOMAT



The two lifes of Joaquim Nabuco: The Reformer and the Diplomat

Lecture by Minister Celso Amorim at the Brazilian Academy of Letters in honor of the centennial celebration of the death of Ambassador Joaquim Nabuco

Rio de Janeiro, 18 January 2010

Distinguished President Marcos Vinícios Vilaça,
Distinguished Ana Maria Machado, Secretary General of the Brazilian Academy of Letters,
Professor Fernando Lyra, President of the Joaquim Nabuco Foundation,
Ambassador Afonso Arinos, my friend and colleague,
Joaquim Aurélio Nabuco and other family members of our honoree,
Eduardo Portela, to whom I am indebted for my first civil service post, one that was not strictly bureaucratic, so to speak,
Distinguished Members of the Academy,
Distinguished Congresswomen and Congressmen,
Distinguished Ambassadors,
Ladies and gentlemen,

I am honored to address the Brazilian Academy of Letters as it celebrates the centennial of the death of one of the founders of the institution that is home to the literature and culture of Brazil. First Secretary General of the Academy, Ambassador Joaquim Nabuco was also, along with two other immortals, the Baron of Rio Branco and Rui Barbosa, one of the founders of modern diplomacy.

I will begin this lecture by confessing a certain perplexity, whose overcoming will require further and deeper reflection than I was able to afford. I came up with the title for this lecture about three weeks ago. If I had to choose a title today, I would have chosen something different. It would most likely have been “The Nabuco Enigma,” even if this meant a somewhat conscious plagiarism. What impressed me most as I pored over some aspects of the work and biography of Joaquim Nabuco was the complexity of the character, one unsusceptible to simplistic definitions. To a contemporary observer, more accustomed to the doctrines and theories of the twentieth century, Nabuco appears as a thinker who combines thoroughly modern attitudes with positions that, at first glance at least, would appear “dated.” Nothing could be more contemporary, for example, than the reformist drive in pursuit of social justice that characterized Nabuco. The same can be said of the psychological acumen of his analysis of Balmaceda, not only as a politician but also as a man. His perception that Brazil’s future was closely tied with the whole of South America could not be more contemporary.

All this contrasts with his defense of a system controlled by a small elite (which, incidentally, he criticized), with his fear of the consequences of popular (or populist) leaders, both in France and in Chile (and obviously in Brazil). His attachment to authors who, unlike others of the same century, are totally unknown to today’s average student of Political Science or History – “French scholars and English essayists,” in the witty words of José Murilo de Carvalho¹ – is also confusing. Moreover, it is precisely this coexistence of opposites that makes the personality of Joaquim Nabuco the object of fascination to many scholars. It is, also, what makes it thoroughly modern, almost existential, in the philosophical sense of the term. Like a character in Sartre, Nabuco is permanently required to make choices: between his class and his cause, between staying true to his monarchical convictions or serving his country even under the Republican regime. Nabuco’s anxiety – a feeling so dear to Sartre – in face of the need to choose between his abolitionist ideals and the interests of the Brazilian government at the time, comes across clearly and is evinced in his repeated attempts to justify the decision to consult with the Pope, a move that ran counter to the diplomacy of the Empire.

An enigma presupposes the possibility, at least in theory, of being decipherable. I would not dare to attempt it on such an intense, complex

¹ CARVALHO, José Murilo de. “Quincas, o Belo” In *Folha de S. Paulo*, 17/01/2010.

personality, which, moreover, has been so thoroughly studied. The contradiction between the anti-slavery sentiment in Nabuco since his youth and his affinity – somewhat rational, somewhat sentimental – with a regime whose political base was slavery itself is particularly worthy of note.

Faced with so many choices, Nabuco did not renounce his freedom. Nor did he wish to stifle one side of his soul. In other words, he did not resort to “ill faith,” which would have led him to compose a coherent character perhaps, but an uninteresting and inauthentic one. The enigma in Nabuco is also the essence of his greatness.

Nabuco, a man of his time

The period during which Nabuco was forged as a public figure, between the late nineteenth century and the first decade of the twentieth century, was an outstanding one in Brazilian life. San Tiago Dantas accurately summed up the spirit of that time: “A unique contrast prevailed between the economy and intelligence, between the situation of the country’s material weakness and the strength with which the signals of a new mindset emerged. In those same years, thanks to one of those mismatches at which an observer will wonder, the intellectual life of the country rose to a level previously unattained”².

Broadly speaking, the intellectuals and politicians of that period – even considering the range of views among them – make up the founding generation of the Brazilian Republic. The very notion of nationality gained intellectual substance at that time of intense questioning and theoretical elaboration.

The historical atmosphere dominated by “two distinct states of mind, a here-and-now realism and a desire for great things”³, in the words of San Tiago Dantas, is the environment surrounding Joaquim Nabuco. The distinctive feature of the exponents of that generation is precisely that “desire for great things,” each having their own interpretations, but all unified at a deeper level in the belief of a future for the country. Hence, the need to dedicate deep thought to Brazil, to study its history, to reflect on the different facets of its reality.

The proclamation of the Republic isolated Nabuco – a staunch monarchist to the end – from political activism. He continued to devote earnestly to

² SAN TIAGO DANTAS, Francisco Clementino. *Dois Momentos de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro; Casa de Rui Barbosa, 1951, p. 49-50.

³ *Idem*, p. 52.

intellectual life. He did not shy away from public debate. His contribution is recorded in the books he wrote after 1889. Some will appear on every list of key texts to understand Brazil.

Looking back a century later, the fact that most stood out at the dawn of the Republic – Brazil was then considered a country of “fifth category” according to English Latin Americanist Percy Martin⁴ – was the confidence of men like Nabuco in the profound forces of nationality.

It is a Hegelian moment of our history, in which there is a perception of reality that replicates the view of the German philosopher about the importance of ideas. I quote Hegel: “I am more convinced every day that theoretical work achieves more than practical work. Once the field of ideas is revolutionized, the current state of affairs will not continue to resist”⁵.

It is in this intellectual atmosphere of optimistic idealism that Nabuco contributes to revolutionize, in his own way, the “field of ideas”, even in a territory inhabited by dissenting and contradictory voices.

Nabuco: liberal, abolitionist and pioneer of the social question

“The Brazilian slave, literally speaking, only has one thing of his own – death. Neither hope, nor pain, nor tears are his...”⁶. Rarely have such strong and heartfelt words – and yet so appropriate – been written to define the dehumanization of the slave.

The thought of Joaquim Nabuco swayed from reformist zeal to the preservation of the establishment. His political action aimed to transform the empire into a more liberal system, but without eroding its structures. Like Gladstone, in Britain, for example, he wanted to see the Brazilian monarchy progress to a more decentralized form in its relationship with the provinces, a format in which the moderating power was mitigated by the Council of Ministers, and in which the House of Representatives would prevail over an aristocratic Senate in addressing national issues. However, he kept his monarchist convictions, though he never accepted the noble titles he was offered.

⁴ See MARTIN, Percy F. *Through Five Republics (of South America) A critical description of Argentina, Brazil, Chile, Uruguay and Venezuela in 1905*. London: William Heinemann, 1906.

⁵ HEGEL, G. W. F. “Letters of January 23, 1807, and October, 1808”. In AVINERI, Sholmo. *Hegel's Theory of the Modern State*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 68.

⁶ NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977, p. 80.

Nabuco wanted, primarily, to see an end to slavery. From the pulpit, at lectures and in articles he published in the mainstream press, he fought fiercely for abolition. But he would not settle for an abolition that would be merely formal, legal, on paper. He wanted to see former slaves truly integrated into the productive system and into society.

Nabuco could be qualified, according to the most current terminology, as a progressive liberal. Although he was borne out of the cultural broth of the aristocracy and of the bureaucratic patrimonialism characteristic of his century, he did not hesitate to confront the political canon. Even at the expense of his political career, he took up the banner of abolitionism, making it the cause of his public life. To Nabuco, the maintenance of the system of slavery was the real fetter that tied Brazil to backwardness and prevented the country from achieving civilization. His prophecy, unfortunately, found shelter in reality: “Slavery will remain for a long time as the national characteristic of Brazil”⁷. More than one hundred years on, one needs only to realize how social and racial problems are intertwined, as shown by statistics or by a minimally critical analysis, to prove the accuracy of that prognosis.

To Nabuco, the abolition of slavery was equally an ethical imperative and a requirement for the modernization of Brazil. Nabuco was, perhaps, the chief conceptual formulator of the abolitionist cause. Rebouças, Patrocínio, Luís Gama were, above all, mobilizers of public opinion. Nabuco gave intellectual consistency to the cause. He joined the British Anti-Slavery Society – perhaps the first NGO on record. He wrote on the release of slaves and on his own emotional involvement with the cause.

In Rome, he met with Pope Leo XIII. His self-imposed task was to defend the emancipation of slaves and to request that the Catholic Church condemn the practice of enslaving human beings. “Man cannot be a slave of man”⁸, he would say, following a line of reasoning that seemed inspired by Kant, qualified by a trend that was perhaps closer to Anglo-Saxon pragmatic liberalism than to Rousseau’s egalitarianism. Nabuco admits that “the movement against slavery in Brazil was a humanitarian and social movement, rather than a religious one.” He appealed to the Pope just to put pressure on leaders in Brazil. Leo XIII would later publish a Papal bull condemning slavery from a humanistic perspective. One can assert, therefore, that the political state of

⁷ NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Rio de Janeiro: Top Books, 1999, p. 163.

⁸ *Idem*, p. 197.

Pernambuco had a small share of responsibility in leading the Catholic Church, as early as the nineteenth century, to adopt a more advanced vision of the universality of human rights. However, the bull was only to be published after May 13, 1888, not having had any practical effect on the anti-slavery cause in Brazil. It is interesting to note Nabuco's concern, recorded in "Minha Formação" (My Background), in justifying his position, one distinct from that of the rulers of his time but, according to his perception, close at heart to the feelings of the Royal Family. The diplomacy of the Empire was to win the fight, but only in the short term. Those who served in public posts during the period of military dictatorship clearly understand this conflict of loyalties. Nabuco's option to defend his ideal, rather than the reactionary positions of the Empire's last officials, certainly testifies in his favor.

In "O Abolicionismo" (Abolitionism) Nabuco stresses his concern with the socioeconomic future of the former slave, as Brazilians of African descent were integrated into the national society. It should be noted that this concern was absent from the political debate of the Empire and of the Old Republic alike. No political party of the monarchy and of the First Republic – except perhaps for some minor political party or, as they say today, "midget party" – made any reference in their platforms to such an important and crucial issue, not only for the future of ex-slaves but also for the future of the country. The former slave was totally abandoned by the government, the Church and by businesses.

In a reference to "O Abolicionismo," Gilberto Freyre shows that the famous work "reveals a recognition in the 1870s and 80s that in Brazil there already was a social question and not just a problem of substitution of slave labor by free labor"⁹. The author of "The Masters and the Slaves" inquires "how such subtlety could have appeared in Joaquim Nabuco - that of politician, congressman, analyst and interpreter of Brazilian aspirations, aware of the importance of social matters?"¹⁰. In his view, the answer lies in three factors: in the School of Law in Recife, whose pioneering name was School of Social and Legal Sciences; in Nabuco's self-teaching capabilities; and in his "condition of being a Brazilian from Pernambuco"¹¹.

⁹ FREYRE, Gilberto. "Introdução". In: *Perfis Parlamentares. Joaquim Nabuco*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1983, p. 34.

¹⁰ Idem, p. 35

¹¹ Idem, p. 38.

In 1884, Nabuco stated: “The reforms that are immediately needed are social reforms that will raise the level of our people, that will lead them to work and will result in the welfare and independence that do not exist at all and that no government has yet conceived for the Brazilian nation. (...) This is why I abandoned a strictly political attitude in Parliament to take up the attitude of the social reformer. It was because I grew disillusioned with political reforms”¹².

In 1949, the centenary of his birth, Nabuco’s social ideals were to inspire Gilberto Freyre and a group of politicians and intellectuals to propose the establishment of an institute for social research “designed to take care of developments in the social question in Brazil. Beware, its beginning – just the beginning – was witnessed in the incomplete and somewhat rhetorical abolition of May 13”¹³. The initiative resulted in the Joaquim Nabuco Foundation for Research in Social Sciences. Consistent with the thought and actions of that great Brazilian, the Joaquim Nabuco Institute’s aim is the “sociological study of the living conditions of Brazilian workers in the North region’s rural area and of the small farmer in those parts, so as to improve those conditions”¹⁴.

In addition to adhering to the principles of classical liberalism, Nabuco was thus pioneering the introduction of the social question in Brazil. More than an interpreter of Brazil’s background, Joaquim Nabuco was an advocate of an agenda for the future, which included not only the end of slavery, but the redefinition of the agrarian question itself.

Nabuco and Barbosa: divergent approaches and identity of purposes

It is interesting to note how the lives of Joaquim Nabuco and Rui Barbosa – two of the great, and often compared, public men of the Brazilian *Belle Époque* – have always been intertwined. Despite the differences in personalities, opinions and trajectories, they preserved their steadfast friendship, mutual admiration and understanding.

¹² NABUCO, Joaquim. *Campanha Abolicionista no Recife. Eleições de 1884*. Brasília: Senado Federal, 2010, p. 47-48.

¹³ FREYRE, Gilberto. “Introdução”. In: *Perfis Parlamentares. Joaquim Nabuco*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1983, p.34.

¹⁴ PEDRO, Arthur. *A Fundaj e as desigualdades regionais e sociais*. Available at: <www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=377&textCode=9071&date=currentDate>

Both were born in the same year, 1849. Nabuco had a rural aristocratic cradle, and Barbosa came from an urban middle class family. They were classmates at the Faculty of Law in Largo São Francisco, São Paulo, both campaigned in academic politics in the student guild “Ateneu Paulistano,” inspired by the liberal school of thought.

Their styles of understanding and doing politics show marked differences, however. Nabuco’s central value was the established order, the monarchy in his case, which had just embellished his ideals of political and social reform, in particular federalism, abolition, the social and economic integration of former slaves, land reform, and better standards of living for the small rural worker. Yes to change, but within the established order.

Gilberto Freyre explains Nabuco’s journey: “as he presents himself as a ‘social reformer’, he is defined by this option, unusual for the time, of renewal of political action from a social perspective.” He adds, “he took a different path to the strictly juridical one of his father [Senator Nabuco de Araujo]. He opted for social directions. One can say they were esthetically social in the sense that they were neither here or there in terms of doctrine”¹⁵. He valued his life experiences: “For Nabuco, the people, ordinary people, the man on the street, the black man, the people of color, were realities with which he lived.” A reading of the memories of Massangana will support this interpretation. Afonso Arinos noted that “Nabuco’s Humanism,” a humanism of the nineteenth century, combined liberalism with individualism. He clarifies that “the individualism of the time—this is a new word, circulated by Alexis de Tocqueville—was essentially a liberal doctrine, an essentially evolutionary, transformative, progressive doctrine—not to be confused with selfishness—but was founded on the ‘belief in the possibilities of improvement and evolution of man’”¹⁶. For the former Foreign Minister, this is the great lesson of the “individualistic and liberal” Joaquim Nabuco.

One can hardly explain how Nabuco—an individual of superior intelligence, legitimate ambition for power and endowed with plasticity of thought and action—prioritized loyalty to Emperor D. Pedro II, even after the proclamation of the Republic, to the extent of sacrificing his political future, his chances of practical action. He slipped into ostracism in the loneliness of Paquetá island, where he already was on November 15, 1889.

¹⁵ FREYRE, Gilberto. “Introdução”. In: *Perfis Parlamentares. Joaquim Nabuco*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1983, p.47.

¹⁶ FRANCO, Afonso Arinos de Melo. “O Humanismo de Nabuco” In *Estudos e Discursos*. São Paulo: Editora Comercial, 1961, p. 296-297.

Barbosa, in turn, relegated the form of government, whether it was monarchic or republican. There is a very apt definition of Rui Barbosa by Karl Mannheim, according to which “the utopia of the humanitarian liberal mind is the idea”¹⁷ – the idea put forward in its essence, independent of circumstances. In Barbosa’s view, for example, democracy should be both a national and international value.

Thus, for Barbosa, a form of government and its political order is just a detail that can and should be changed when it is an impediment to the implementation of the ideas he advocated: federalism, individual liberty, abolitionism, industrialization, the rule of law and equality among nations.

As the Republic’s first Minister of Finance, Barbosa attempted to undertake a modernizing and reformist management of the country’s productive structure, since, as San Tiago Dantas rightly pointed out, “he wanted to see open the doors of opportunity in a country previously frozen by the privileges of the landowning class”¹⁸.

Barbosa acts with a determination of steel and is fully aware that “revolutionary governments are not and cannot be economy-oriented governments,” as he expressed with remarkable candor. On the other hand, Hermes Lima – Minister of Foreign Affairs in the João Goulart government and late member of this House – considering the strong and authoritative criticism of Barbosa regarding vices, especially of electoral fraud in the First Republic, lucidly points out that the defender of popular rights from Bahia was one of the main ideologues of the Revolution of 1930 – that is, of the overthrow of the existing political order: “Barbosa was the historical revolutionary par excellence of the Second Republic”¹⁹.

Nabuco, land reform; Barbosa, industrial revolution

Nabuco gave one of his most important speeches during the abolitionist campaign, in Recife on November 5, 1884. In it, “for the first time he raises the banner of an agrarian law, the banner of the establishment of rural

¹⁷ MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia – Introdução à Sociologia do Conhecimento*. Porto Alegre: Editora Globo, 1956, p. 204.

¹⁸ SAN TIAGO DANTAS, Francisco Clementino. *Dois Momentos de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1951, p. 21.

¹⁹ LIMA, Hermes. *O Construtor, o Crítico e o Reformador na Obra de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958, p.18.

democracy.” He states that “there is no other possible solution to the chronic and profound illness of the people than an agrarian law providing for the small property, which will provide a future to you and your children, through the ownership and cultivation of the land. Brazilians need to be landowners, and the state should help them be so”²⁰. This could well be the motto of the Ministry of Agrarian Development of the Government of President Lula.

Nabuco argued that: “Property brings with it not only rights, but also duties, and the state of poverty among us, the indifference with which everyone looks at the condition of the people, dishonors the State. I, therefore, if elected, will not separate the two matters anymore: the emancipation of slaves and the democratization of the soil. One complements the other. Ending slavery was not enough for us, we must destroy the work of slavery”²¹. Rarely, if ever, did a politician or intellectual of that time deliver such compelling words. No wonder that Alceu Amoroso Lima, a great fighter for freedom and social causes, inquires in the preface he wrote in 1966 for a popular edition of “*Minha Formação*”: “When will Brazil have another Joaquim Nabuco to carry out social revolution, the transition from free labor to fair labor, or rather from nominally free labor to truly free labor?”²².

In the revolutionary ideas of Rui Barbosa stands out his struggle for the industrialization of Brazil. For him, the Republic would only be consolidated “when its functions focused on democracy in industrial labor”²³. Barbosa also points to industrial education as the basis for industrialization, which in his view would “inaugurate the initiation of popular forces in the political work of the State”²⁴. Barbosa sensed, therefore, the democratic revolution that would be unleashed by industrialization, with all the troubles we know. It is no exaggeration to say that this revolution had one of its most significant moves in the 2002 election to the presidency of a worker coming from an industrial background and trade union struggles.

²⁰ NABUCO, Joaquim. *Campanha Abolicionista no Recife. Eleições de 1884*. Brasília: Senado Federal, 2010, p. 57.

²¹ Idem, p. 58.

²² LIMA, Alceu Amoroso. “Pró Memória”. In: NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 10.

²³ LIMA, Hermes. *O Construtor, o Crítico e o Reformador na Obra de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958, p.10.

²⁴ BARBOSA, Rui. *O Desenho e a Arte Industrial. Speech delivered at Liceu de Artes e Ofícios on 25 November 1882*. Rio de Janeiro: *Jornal do Commercio*, 1949, p. 56.

Nabuco, patron of land reform, and Rui, the pioneer of industrialization, complement each other and point to the two biggest challenges of the democratic modernization of Brazil. One needs to recognize the boldness of Nabuco as a precursor of social justice in Brazil. Again, it is Gilberto Freyre who notes: “In one of his speeches as abolitionist, Nabuco repeated this phrase that he himself called ‘revolutionary’: ‘What is the worker? Nothing. What will he become? All’²⁵. Is there not here an echo, perhaps unconscious, of nineteenth-century socialist doctrines that Nabuco himself did not profess?”

With the *Lei Áurea* (“Golden Law”), the abolitionist won the cause of his political life. As slavery served as a backbone for the Empire, abolition hastened the decline of Pedro II’s reign. Meanwhile, the proclamation of the republic shortened Nabuco’s political career. The intellectual from Pernambuco was to be re-conducted to public life by Campos Sales and the Baron of Rio Branco – the latter a friend from his youth – who afforded him a revival in the service to his country, no longer in Parliament, but this time, in diplomacy.

Nabuco, the diplomat

A politician, writer, journalist, engaged intellectual, national hero of the abolitionist movement, Nabuco was also a diplomat of great prominence.

Still in his youth, at the request of his father, Nabuco de Araujo, one of the exponents of the Second Empire, Joaquim Nabuco was appointed attaché of the Brazilian Legation in Washington. In the United States, he took note for the first time of the moves on the chessboard of global geopolitics and of the virtues and vices of mass democracy. In “*Minha Formação*” there are penetrating analyses of political life in the United States, in contrast with the customs and practices in Europe.

Some years later, he was to be appointed attaché to our office in London, although for a short period, as he had to return soon to Brazil due to his father’s death. About the British capital, he said, showing great sensitivity, “what there is in London as a pleasure in life is not art, but comfort; it is not the rule, the measures, the manners; it is the freedom, the individuality; it is not the decor, it is the space, the solidity.”

²⁵ FREYRE, Gilberto. “Joaquim Nabuco e as Reformas Sociais”. In: NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. Petrópolis: Editore Vozes, 1977, p. 22.

That reflection reminded me of the feeling I had on one occasion, as I was crossing Waterloo Bridge, back in the eighties. I lived in the Netherlands, where the Foreign Ministry had sent me on a gilded exile of sorts, in which I was to purge myself of the sin of having offended the pride of the military regime by allowing and funding, as president of Embrafilme, the movie “Pra Frente Brasil” by Roberto Farias. As I took some days off – which was not difficult to obtain in the peaceful Embassy in The Hague – I visited my mentor, Ralph Miliband, in London. As I walked from Southbank Center – where the Royal Festival Hall, Hayward Gallery, as well as the film centre, the opera and other concert halls are located – toward Aldwich, home to the London School of Economics, I had the feeling that London was a kind of big brain. There, like in a Tarkovsky film, people and ideas moved about, representing distinct ways of acting and seeing the world. Centuries before, the great philosopher and lexicographer Samuel Johnson had defined that great city with a simple yet masterful line: “He who is tired of London, is tired of life”. Nabuco aptly captured this confluence of individual liberties that is characteristic of the UK’s capital.

In nineteenth-century Brazilian politics, diplomacy was offered as an alternative to political ostracism. In the period preceding its professionalization, the diplomatic career appeared as a second choice for politicians or would-be politicians, a sinecure with which they were compensated during the time their parties were excluded from power. In the Empire, and indeed until very recently in the Republic (albeit more discreetly), the diplomatic activity served as the bench for substitutes in politics and in the bureaucracy.

Nabuco joined diplomacy through that door, just like Juca Paranhos. At the time Nabuco was sent to Washington, the future Baron of Rio Branco was appointed, also at the request of his father, Consul of Brazil in Liverpool. Nabuco de Araújo, about the future of his heir, who he wished to see as his replacement as statesman, once said: “your talent should not die in diplomacy.” Alceu de Amoroso Lima was to make a much more scathing comment, one very unflattering indeed to diplomacy in his preface to “Minha Formação”.

Nabuco was to return to London still in the republican period, this time to prepare the notes verbales of the Brazilian defense in the dispute with Britain for control of the Pirara region. He was salvaged for the public service by President Campos Sales, who appointed him Brazil’s representative for the border dispute with Guyana, to be arbitrated by King Victor Emanuel, of Italy.

By accepting the invitation, after more than a decade of the political hibernation which he underwent in the wake of regime change, the royalist in mourning finally became an official of the Republic. He said that the acceptance of the mission entrusted to him was in response to a patriotic call. After the long – and successful – campaign for abolition, the appointment to the Commission on the Limits of British Guyana marked his return to what Angela Alonso, one of his most recent biographers, described as his “natural element”: diplomacy. In fact, it is part of the puzzle surrounding the figure of Nabuco to actually discover what his natural element was: diplomacy, abolitionist engagement or parliament?

Back in London, he was called to take up, initially on an interim basis, the Head of the Brazilian Mission in London, vacant since the death of its incumbent. Relations with England, a country which had endorsed his abolitionist cause in the course of so many years, were strained: in addition to the invasion of Trinidad island in 1895, against the nation’s sovereignty, the occupation of the area bordered by the Tacutu, Cotingo and Rupununi rivers put Rio de Janeiro and London on a collision course.

The Italian mediation resulted in a supposedly Solomonic split-up of the Pirara region. The arbitration of King Victor Emanuel gave 3/5 of the disputed territory to Great Britain and 2/5 to Brazil. The Brazilian argument of *uti possidetis* – the title of ownership over a territory on the basis of prior occupation – had been refuted. The decision was seen as a diplomatic setback for Nabuco and Brazil. The contrast with the victories of the Baron of Rio Branco on the Palmas and Amapá questions further fueled the interpretation that Brazil had been alienated from a territory that was rightly its.

Public opinion and historiography were to redeem Nabuco. There is almost a consensus that the choice of the referee influenced the outcome of the arbitration award, much more than the quality of the *notes verbales* themselves. The Italian mediator, who harbored less than discrete sympathy for England, sought a solution that would not ruffle London’s feathers. Despite the relative lack of historical accuracy and technique in the arbitration award, the Italian decision was fully complied with by the Brazilian government. Respect for arbitration decisions on our borders has always been a postulate of our diplomacy.

In 1905, Joaquim Nabuco was to be appointed the first Brazilian Ambassador to Washington, as soon as the Brazilian Legation in the United States was promoted to the status of embassy - the first of all embassies.

At the time, the status of “Embassy” was a privilege granted to the great powers. It was considered a display of superiority and, moreover, had a practical effect: the Ambassador had access to the President in a way that the Minister of a legation did not. The gesture of raising the Legation of the United States, therefore, was not devoid of political symbolism: it signaled that Republican Brazil began to prioritize the continental agenda. It was the embodiment of the transfer of the preferential axis of Brazilian diplomacy from Europe to the Americas. In the same year, as a sign of reciprocity, Rio de Janeiro received the first United States embassy in South America.

While ahead of the Embassy in Washington, Nabuco worked closely with the Baron of Rio Branco to improve relations with the United States, a country that was already showing the importance it would acquire over the twentieth century. Soon Nabuco earned great prestige in the U.S. capital, to the point that President Theodore Roosevelt advised a newly-arrived diplomat to soon meet the Ambassador of Brazil because, he said, “no personality in Washington is more interesting than him.”

The “unwritten alliance,” thus defined by historian Bradford Burns, was forged on the perception of the relative weight of the two republics on the hemisphere. Even before assuming the status of superpower, the United States from the time of the Baron and Joaquim Nabuco balanced, to some extent, the Eurocentrism that dominated international relations. One can say that the arbitration award on the dispute with England traumatized Nabuco. As pointed out by Rubens Ricupero, rather than the result itself, what started to concern Nabuco was its rationale, which would undermine our sovereignty over much of the country, especially in the Amazon. Hence, the statement, which today may sound simplistic, that “for us the choice is between Monroeism and European colonization”²⁶.

The rapprochement with the United States in the first decade of the twentieth century was, therefore, devoid of a sense of subservience or amazement. The calculation of Rio Branco and Joaquim Nabuco was that the United States was willing to prevent European interference in the Americas. Moreover, such a move strengthened the position of Brazil in its immediate vicinity.

That “high intelligence”, to use the diplomatic jargon of the time (perhaps today we would say “strategic partnership”), with the United States seemed

²⁶ DÁVILA, Sérgio. “De pernas para o ar”. In: *Folha de S.Paulo*, 17/1/2010.

therefore of great interest to Brazil. With the benefit of hindsight, one can argue that Nabuco nurtured a vision that perhaps turned out to be overly optimistic about the behavior of the United States as a global power. If, on the one hand, as he foresaw in “Balmaceda”, that country chose not to embark on neocolonial adventures of the type practiced by the European powers, the evolution of events did not confirm his view that Washington would not seek to establish its own sphere of influence in Latin America and the Caribbean.

As Brazilian Ambassador to Washington, Nabuco worked to make Rio de Janeiro the host of the Third Pan-American Conference, in 1906. Victorious, he ensured that Secretary of State Elihu Root visited Brazil, which went down in history as the first visit abroad of the head of U.S. diplomacy. Nabuco chaired the Conference, having been engaged, during its preparatory stages in preventing that the squabbles between the countries on the continent foiled the meeting.

Back in Washington, in the spirit of continental integration, Root and Nabuco worked together for the expansion of the Bureau of American Republics, which at one point concentrated its activities at the Residence of the Brazilian Ambassador. The Pan- American Union, which was to be formalized in the Pan-American Conference in Buenos Aires, after the death of Joaquim Nabuco, is obviously an embryo of the current Organization of American States.

Given his success in leading the Pan-American Conference, Nabuco was considered for leadership of the Brazilian delegation that would be sent to the Hague for the Second Peace Conference. The event stirred the international community. In the Hague would be established the very foundations of international law. However, in view of health problems that he was already facing, and of Rio Branco’s invitation to Rui Barbosa, Nabuco was only able to cooperate with the preparations for the Brazilian participation at the Conference.

A public figure who was rational above all else, Rio Branco concedes to the objections from influential Republican sectors to naming Nabuco – his personal choice – as head of the Brazilian delegation. He accepts the name of Rui Barbosa for representative of Brazil and pioneer in this important international meeting – the first in history to bring together all sovereign states.

Despite the campaign against his name by the daily *Correio da Manhã*, Joaquim Nabuco shows greatness of spirit in supporting and collaborating with his friend Rui Barbosa in Brazil’s debut in global politics. He prepared

the profiles of the delegates he knew – the Ambassadors here today will recognize the importance of this task when we are preparing for talks – and exchanged abundant correspondence with the Head of the Brazilian delegation. Among his suggestions to Barbosa, Nabuco reminds him of the example of the mission of Count Witte to the United States during the Treaty of Portsmouth, in which the Russian envoy departed from the rules and etiquette, addressing the American press and “conquered general goodwill for his country.” Nabuco recommended to Barbosa: “You’re not a career diplomat and are on a mission in which the statesman does not have to consider protocol, nor formalities, so you can rid yourself of the many foolish and anachronistic rules that still takes hold of our trade, at a time in which opinion is the force of forces in politics”²⁷. In many recent and current struggles of Brazilian diplomacy, especially in economic and trade issues, the lessons of Nabuco continue to inspire.

It was at the Rio de Janeiro and the Hague Conferences that Brazil made its debut in multilateral diplomacy. Multilateralism was to consolidate as a privileged channel for the expression of Brazilian principles, viewpoints and interests in the world. An international order organized by predictable rules and in which arbitrary action and the unilateral use of force are inhibited is not only morally desirable but also of the greatest interest for a nation of peaceful vocation like Brazil. It is no exaggeration to believe that since then Brazil has developed a truly multilateral perspective of international relations.

Yet, Nabuco harbored a view somewhat different to that of Rui Barbosa. Unlike the latter, who in the Second Hague Conference focused on the defense of sovereign equality among states, the man from Pernambuco believed that the extension of equal rights for all countries represented, in fact, a source of inequality in the international scene. According to his reasoning, the most populous countries would, in proportional terms, be under-represented in an international order consisting of units that enjoyed the same legal prerogatives. This is a debate that is still raging, if not in theory, at least in practice, and can be summarized, for example, in the latent dispute over jurisdiction between the General Assembly and the Security Council of the UN. It is also present in the controversy surrounding the new informal forums for the so-called “global governance” at the end of last century and the beginning of the present one: G-8, G-20 and all other Gs.

²⁷ BARBOSA, Rui & NABUCO, Joaquim. *Meu caro Rui, meu caro Nabuco, correspondência*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 1999, p. 54.

Barbosa's view prevailed. A convinced Baron of Rio Branco instructed the Brazilian delegation to the Hague to postulate that any independent country, regardless of its size, of the region where it is located or of its degree of "civilization" (that was the very term used), would have the same rights in international relations. The defense of sovereign equality of States has become, since then, a pillar of Brazilian foreign action. Despite the arguments set out in a long letter to Rui Barbosa, Nabuco could not be defined as a defender of inequality or hierarchy among countries. He realized that inequality was a matter of fact and sought to reserve space for Brazil's greatness, he said, in accordance with its size. He understood that in a system organized by the difference between the relative capabilities of countries, Brazil merited to be on the list of the "great".

Nabuco's realistic thought was naturally influenced by the notions of his time. The main concern of the formulators of Brazilian foreign policy then, as well as of other militarily weak nations, was the preservation of territorial integrity and national sovereignty (I referred elsewhere to the "Pirara trauma"). The concern regarding the universality of the principles and the preservation of national sovereignty of Nabuco and Barbosa, respectively, resulted in the historic Brazilian commitment to a rule-based international order.

Nabuco's diplomatic thought: the Latin America and South America question

Forged in a predominantly European cultural matrix, Nabuco was fascinated by American society, by the vitality of its democracy, by the opening of the country to migratory flows. What came to be confused as wonder, by a certain historical revisionism, was, indeed, fascination with the very idea of modernity. During the conferences he gave at several American universities, in Chicago and Wisconsin particularly, he conveys his admiration for the New World and the contribution he believed the United States would give to civilization "other than tobacco"²⁸, as he put it. Noteworthy also is the analysis of the international scene that Nabuco makes in a letter to Campos Sales in 1906. The Brazilian Ambassador to Washington clearly sees the importance

²⁸ Quote by ALMINO, João. "O pote de barro e o pote de ferro. A utopia de Nabuco para as duas Américas". In *Política Externa*. São Paulo: Editora Paz & Terra. Vol. 18, nº 2, Set/Out/Nov. 2009, p. 149.

of foreign policy and expressed his concern over the rising tension between the powers of the time: “My impression is that as far as all the countries of Europe and America are concerned, foreign matters tend to increasingly overshadow domestic matters, because we are moving towards a time when the fate of them all, without exception, will be affected by the solution to the conflict of influence and prominence between the great current systems of power – and it is of the essence to notice them – “such as the Double and Triple Alliance, the British Empire and the Monroe Doctrine”²⁹.

The vaunted pan-Americanism of Nabuco sometimes hides the importance he attributed to relations with nearby neighbors. The great statesman sensed that the South American continent is bonded not only by geographical circumstance, but by the choice of a form of government which showed a sense of common destiny: at the time, the republican system.

In “Balmaceda”, a remarkable work especially for pioneering a study about a statesman who was a contemporary of his from another South American nation, Nabuco said: “The interest that all things South American had inspired in me before have naturally increased after the Revolution of November 15. Since then, we have started to be part of a wider political system. Thus, the Brazilian observer, to have an exact idea of where we are heading, is required to study the progress of the continent, to listen for the murmur, the pulse of the continent”³⁰. The modern integrationist drive that led to the creation of Mercosur and UNASUR could not have expressed it in a more timely and appropriate manner.

In his book on the Chilean statesman, Nabuco reveals the importance he attributes to South America within Brazil’s international positioning. He firmly points out the need for the country to tread a path of its own : “The solution to the problem has to be sought within each of our countries, but depends on the creation in all of them of an opinion interested in their redemption, which would further efforts, or, if nothing else, record the sacrifices of those who fight anywhere for the common cause”³¹. Such is the inspiration, for example, behind the democracy clause of Mercosur.

He is one of the first Brazilian intellectuals to work and prioritize the concept of South America. He puts himself in the shoes of a “South American

²⁹ NABUCO, Carolina. *A vida de Joaquim Nabuco*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 2ª Ed., 1929. *Apud* LEITE, Beatriz W. de Cerqueira. *Joaquim Nabuco*. São Paulo: Ícone, 2001, p. 118.

³⁰ NABUCO, Joaquim. *Balmaceda*. Brasília: Senado Federal, 2003, p. 167.

³¹ *Idem*, p. 170.

spectator,” and calls attention to the fact that “it becomes more and more important for us to fathom the political state of South America”³².

His book on the Chilean President succeeds, at once, to x-ray a historic moment of regional circumstances – the Chilean revolution of 1891 – and to describe – to poetically record with a touch of tragedy – the mindset of the central character. Nabuco’s depiction of the isolation and loneliness that led Juan Manuel Balmaceda to take his own life while a refugee in the Argentine Legation in Santiago, did not resort to easy images or uplifting drama. In addition to extraordinary effort, both historiographical and literary, it reveals the author’s intellectual density and in-depth analysis.

A parallel is often drawn (even in an ode by Pablo Neruda) between the trajectory of Balmaceda and that of Salvador Allende. The platform of progressive government, alienation from the most conservative sectors of society and the tragic end were all to become elements in the biographies of these two Chilean leaders. Similarly, it is not possible to read Nabuco’s description of the last days of Balmaceda without evoking the memory of other politicians who chose to dramatically shorten their lives.

The figure of Balmaceda, for whom the author nurtures similar doses of interest and aversion, serves as an excuse for the central theme of the book: the tensions, in a Presidential regime, between popular participation and public order, between authority and democracy, between efficacy and representativeness. There is not a word on the economic substratum of Balmaceda’s policies. There is no mention of control over nitrates, for example. In this work, Joaquim Nabuco dwells on the balance of powers between the executive and the legislature in a republic, from the perspective of the dangers of excessive concentration of power. A monarchist and a liberal, Nabuco aligned his ideas with those of the Republican Chilean lawmakers. More important than this kind of choice is the effort to analyze institutional dilemmas that endure to this day from the study of a specific situation faced by a South American country.

Nabuco’s perception of the importance of regional stability and progress for Brazil’s neighbors emerges in “Balmaceda.” He makes the following timely comment: “Argentina’s freedom has become a direct interest for Brazil, as was for the Argentines Chile’s freedom in the time of Rosas. It is in the interests

³² *Idem*, p. 12-13.

of Bolivian and Peruvians that the state closest to them offer them a safe haven, and serve as role model for their country”³³.

Although it is rather long, I will quote in full a paragraph in the book’s *Post Scriptum*, entitled “The question of Latin America”, given its importance in understanding Nabuco’s sentiment: “Since we must accept the inevitable” - that is, the Republic- “the study of the Chilean Revolution has great interest to us in terms of political developments in the hemisphere. In fact, given the progress of universal morality, civilization cannot indefinitely afford to impassively watch the waste of power and human activity that occurs on such a scale in one of the most significant parts of the globe, such as Latin America. The maintenance of a vast continent in a permanent state of lawlessness, of anarchy, will in due course attract the attention of the world, as ultimately did the wastage of Africa. How will the redemption of Central and South America be accomplished? Where will they find refuge from their extortionate governments? How will it be possible to bring about and nurture, in each of them, an awareness of justice, freedom, and the Law, which are not to be found there for lack of any sanction?”³⁴. Even today, the many advances achieved in establishing the democratic state in Latin America and the Caribbean, as well as the economic and social progress in the region cannot be an excuse to let our guard down.

Worthy of note in Nabuco’s South American perspectives is the intention he expressed in a letter to Baron Homem de Melo in 1882 to “establish and run a newspaper in Brazil”³⁵, which aimed, among its purposes, to be a South American periodical “interested in developing relationships that do not exist between our country and others like the Argentine Republic and Chile. Such a newspaper, I am sure, would be the greatest service that could be rendered to Brazil”³⁶.

In the ideological horizon that a man of his time could envisage, Pan-Americanism appeared as the expression of feasible regional integration. Nabuco embraced this cause with zeal. He went as far as to envision the creation of a political community in the Americas. The highly asymmetric levels

³³ Idem, p. 170.

³⁴ Idem, p. 168.

³⁵ NABUCO, Joaquim. *Cartas a amigos. Apud* LEITE, Beatriz W. de Cerqueira. *Joaquim Nabuco*. São Paulo: Ícone, 2001, p. 128-9.

³⁶ Ibidem.

of development in the Americas today have led this vision to be colored by natural caution. There remains, of course, the interest in closer cooperation among all countries of the Americas, but it would be risky to talk about integration between entities with such stark power imbalances.

Regional integration thus takes on various forms. Initially structured to encourage increased economic exchanges, despite the strong political motivation that inspired its inception, Mercosur was the spinal chord of a process of affirmation of South America as a geopolitical space. By succeeding in engaging all countries on the continent in a project of policy coordination, the Union of South American Nations (UNASUR) has been a step forward on this journey. At the end of 2008, in response to an invitation from President Lula, the Heads of State of all the countries in Latin America and the Caribbean were gathered in Costa do Sauipe, in Bahia. It was at this conference - CALC as it became known - that all countries in the region met for the first time in two centuries of history, based on their own agenda, without foreign tutelage.

It is again useful to resort to Nabuco, this time in “O Estadista do Império” (The Empire’s Statesman): “Foreign policy is policy *par excellence*, especially in ‘nations close to the future’, such as Brazil”³⁷. The reference to the country as “close to the future” was no exception in the minds of men of his time. The belief in the uniqueness of the country, alongside the perception that Brazil would only achieve its greatness when it crossed the finishing line of modernity, stirred that generation. Rui Barbosa, for example, believed that Brazil was among the “nations of abundant future.” The classic formulation of Stephen Zweig, designed as early as the mid-twentieth century, populated the Brazilian collective imagination for generations.

Nabuco, Barbosa and the Austrian Zweig, each in his own way, got it right. The notion of “close to the future” at first dismissed the “close to” and then turned the future into the present – as recognized today by foreign governments and world public opinion. Foreign policy – “policy *par excellence*” as defined by Nabuco – has had its share of responsibility in this process, by projecting in the international scene the attitude of a nation that proudly contributes to the creation of a more multipolar, democratic, united and fairer world order.

³⁷ NABUCO, Joaquim. *Um estadista do Império*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997, p. 829.

Nabuco, Brazil's Dom Quixote

Guided throughout his career by the marriage of theory and practice, Joaquim Nabuco can be considered as one of the most accomplished Brazilian politicians.

In “Minha Formação,” he reveals the two main sources underpinning his convictions. The first is theoretical – the book “The English Constitution” by Walter Bagehot, about which he confesses: “From it, I derived, after transforming it in my own way, every tool I have used in politics, excluding only the work of abolition, whose stock of ideas originated elsewhere”³⁸.

The other source is of a practical nature – the decisive experience of his childhood recounted in the chapter “Massangana,” in which “slavery to me is fully comprehended”³⁹, he says. His “human sympathy with the slaves,” in his own words, would be “an unforgotten childhood picture, as a first impression, which I am certain was decisive to the subsequent employment of my life”⁴⁰.

His ability to unite theory with practice is especially revealed in “O Abolicionismo,” which, in the opinion of Francisco Iglesias, is “the deepest, most coherent and thorough reflection ever made in Brazil on the subject, one of the most important books on social science ever written in Brazil”⁴¹. Among others, Evaldo Cabral de Melo supports this view. In a lecture at the Foreign Ministry in 1999, during the 150th anniversary of the birth of our honoree, Melo highlighted how central to Nabuco’s work was the idea of slavery as a defining element of Brazilian society.

Nabuco was an intellectual capable of seeing the realities of his time above his class status or ideological affiliation. As Gilberto Freyre stressed, Nabuco was “a defector of his caste, his class, his race, whose privileges he fought with (...) vigor and (...) boldness”⁴². Leonardo Dantas Silva refers, in this context, to a speech in 1884, addressed to the class of Pernambuco artists, in which Nabuco rejects identification with landowners and traders. Says he:

³⁸ NABUCO, Joaquim, *Minha Formação*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999, p. 27.

³⁹ *Idem*, p. 162.

⁴⁰ *Idem*.

⁴¹ IGLÉSIAS, Francisco. “Texto Introdutório” In NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo* In SANTIAGO, Silviano (Coord.). *Intérpretes do Brasil volume I*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2000, p.13.

⁴² FREYRE, Gilberto. “Joaquim Nabuco e as Reformas Sociais” In NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977, p. 15.

Nabuco “chose the insignificant, obscure, overlooked working class figure, because he is the embryo of the future of our country; because only manual labor affords strength, life, and dignity to a people”⁴³.

In another passage, it is worth recalling the vigorous defense that Nabuco, a Catholic, made of the secularization of institutions, both for the living and the dead. He once delivered a speech in Parliament in which he denounced: “the corpse of General Abreu e Lima passed through the streets of Recife, although the civil authority, which had jurisdiction over the municipal cemetery, (...) did not claim the body to provide it with a place of burial. That was when it became patent that not only the living, but also the dead were subject to religious persecution”⁴⁴. Note that Abreu e Lima – the Brazilian general who was a companion of Simon Bolivar – advocated a political ideal of socialist inspiration and that Nabuco was a liberal. This difference of views did not abate the defense that Nabuco, in an attitude worthy of Voltaire’s famous aphorism, made in favor of the human rights and dignity of Abreu e Lima, even after the latter’s death. As we all know, the body of the Bolivarian general was finally buried in the “Cemetery of the Englishmen,” which was more tolerant in religious matters.

Machado de Assis, a great friend and admirer of Nabuco, recounts the “free spirit” of the great man from Pernambuco: “His judgment of the *Praieira* Revolution (...) was to me excellent. It is free from that partisan reek, which suffocates the reader”⁴⁵.

Nabuco’s English-like rationality – that is to say, pragmatic –, underscored by Gilberto Freyre, did not hamper his adherence to principles, nor lead to his relinquishing idealism. In “*Minha Formação*,” he thus defines his role as a public figure: “I sought morality in politics, I fancied it as a kind of modern chivalry, the chivalry of principles and reforms”⁴⁶.

This definition of himself refers to the figure of Don Quixote in his allegiance to an ideal, his abandonment to a cause, so aptly described by San Tiago Dantas in his famous “Don Quixote, apologue of the Western soul.”

In the preface to “*Minha Formação*,” Nabuco digressed, revealing his attitude toward life and society, evincing that his real cause was Brazil, to a similar or perhaps

⁴³ NABUCO, Joaquim. *Campanha Abolicionista no Recife. Eleições de 1884*. Brasília: Senado Federal, 2010, p. 135.

⁴⁴ *Perfis Parlamentares. Joaquim Nabuco*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1983, p. 205.

⁴⁵ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Coluna em *A Semana*. 22/3/1895.

⁴⁶ NABUCO, Joaquim, *Minha Formação*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999, p. 45.

greater degree than abolition itself. I quote a passage that will surely inspire those who are in public life: “If ever I derived anything from the study of our past, it is how futile our attempts to suppress are, and as always generosity prevails. I would not, however, grant this book its *bon à tirer* were I not convinced that it will not weaken the spirit of action and struggle in anyone, nor the courage and resolution to fight for ideas held as essential; it will but indicate some of the conditions for triumph to be considered a national victory, or a human victory, and for life, while short of a work of art, a privilege afforded to very few, to hold at least a share of beauty”⁴⁷.

The Nabuco enigma

Nabuco causes amazement with his personal focus in his pioneering autobiography “*Minha Formação*,” by denouncing the whole of society in “*O Abolicionismo*,” and by exalting as well as indirectly criticizing the “great Brazilian era” in “*Um Estadista do Império*.” Where, then, is the essence of Nabuco?

He is, on the one hand, a “defector of his caste, his class, his race,” in the words of Gilberto Freyre, but also maintains an almost incomprehensible loyalty to the monarchy and D. Pedro II. The monarchist and social reformer, diplomat and humanist theoretician, the defender of order and human liberation, all coexist in the spirit of Joaquim Nabuco. More than the evolution of the juvenile dandy to the engaged intellectual in his mature years – from Quincas, the Fair, to the abolitionist – it is the apparent lack of cohesion in his belief system that amplifies his enigmatic character. The greatness of Joaquim Nabuco is also unveiled in the nonlinear nature of his thought.

In an attempt to understand the personality of Nabuco, Francisco Iglesias highlights that “the Apollonian appearance of the boy destined for politics concealed a sensitive, anguished man, often close to despair”⁴⁸.

*“Il fait jour dans votre âme ainsi que sur vos fronts.
La nôtre est une nuit où nous (nous) égarons”*

⁴⁷ Idem, p. 20.

⁴⁸ IGLÉSIAS, Francisco. “Texto Introdutório”. In: NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. In: SANTIAGO, Silviano (Coord.). *Intérpretes do Brasil volume I*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2000, p. 9.

This verse from the tragic poem “Toussaint Louverture,” by Lamartine, is used by Nabuco as an epigraph to his “O Abolicionismo.” The evocation of the hero of Haitian independence is dramatically timely. This almost accidental finding, while prospecting through Nabuco’s work, leads me to the end of this talk with a heartfelt and sincere tribute to all those – Brazilians, Haitians and people from a host of nationalities – who had their lives taken away by the earthquake that struck Haiti on January 12. And not just them, but those who are fiercely struggling to survive – or help others survive. Brazil made an irreversible commitment to the present and the future of this sister country and its people. Our Armed Forces have led the military operation of the UN peacekeeping force in Haiti since 2004, and have contributed to stabilizing the country and to the welfare of Haitians. Many of the Brazilians we lost in the aforementioned tragedy were in Haiti to help in this task. In Joaquim Nabuco’s thought, one can trace regional solidarity – and I dare say African-American affinities – as a principle of diplomatic action. Nabuco believed that the destiny of the continent’s countries was intertwined. The suffering of the Haitian people is now, more than ever, shared by the Brazilian people – and an additional reason for our engagement. A tribute to Ambassador Joaquim Nabuco and his commitment to the dignity of all human beings is, by extension, a tribute to those who dedicate themselves, sometimes even at the expense of their own lives, to improving the living conditions of man on earth.

Thank you very much.

Bibliography

ALMINO, João. “O pote de barro e o pote de ferro a utopia de Nabuco para a duas Américas”. In: *Política Externa*. São Paulo: Editora Paz & Terra. Vol. 18, nº 2, Set/Out/Nov. 2009.

ALONSO, Ângela. *Joaquim Nabuco. Perfis brasileiros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

AMADO, Gilberto. “Nabuco no Teatro da Abolição”. In: NABUCO, Joaquim. *Minha Formação no Recife*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1955.

BARBOSA, Rui. *O Desenho e a Arte Industrial – discurso no Liceu de Artes e Ofícios em 25 de novembro de 1882*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1949.

_____. & NABUCO, Joaquim. *Meu caro Rui, meu caro Nabuco, correspondência*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 1999.

BURNS, Bradford E. *A aliança não escrita. O Barão do Rio Branco e as relações Brasil-Estados Unidos*. Rio de Janeiro: EMC, 1999.

CARVALHO, José Murilo de. “Quincas, o Belo”. In: *Folha de S. Paulo*, 17/1/2010.

DÁVILA, Sérgio. “De pernas para o ar”. In: *Folha de S. Paulo*, 17/1/2010.

FERNANDES, Raul. *Joaquim Nabuco, diplomata*. Rio de Janeiro: MRE.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. “O Humanismo de Nabuco”. In: *Estudos e Conferências*. São Paulo: Editora Comercial, 1961.

FREYRE, Gilberto. “Joaquim Nabuco e as Reformas Sociais” In NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

_____. “Introdução”. In: *Perfis Parlamentares. Joaquim Nabuco*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1983.

_____. “O Instituto Joaquim Nabuco”. In: FREYRE, Gilberto. *Perfis Parlamentares*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1994.

_____. “Introdução”. In: NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Brasília: Senado Federal, 1998.

HEGEL, G. W. F. “*Letters of January 23, 1807, and October, 1808*”. In AVINERI, Sholmo, *Hegel’s Theory of the Modern State*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

IGLÉSIAS, Francisco. “Texto Introdutório”. In: NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. In: *Intérpretes do Brasil volume I*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2000.

LIMA, Hermes. *O Construtor, o Crítico e o Reformador na Obra de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Coluna em *A Semana*. 22/3/1895.

MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia – introdução à Sociologia do Conhecimento*. Porto Alegre: Editora Globo, 1956.

MARTIN, Percy F. *Through Five Republics (of South America) A critical description of Argentina, Brazil, Chile, Uruguay and Venezuela in 1905*. London: William Heinemann, 1906.

MELLO, Evaldo Cabral (Org.). *Joaquim Nabuco. Diários. Volumes I e II*. Rio de Janeiro: Bem Te Vi Produções Literárias & Editora Massangana.

MENCK, José Theodoro M. Menck. *A questão do Pirara (1829-1904)*. Brasília: FUNAG, 2009.

NABUCO, Joaquim. *Um estadista do Império. Volume único*. São Paulo: Ed. Nova Aguilar, 1975.

_____. *O Abolicionismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

_____. *Minha Formação*. Rio de Janeiro: Top Books, 1999.

_____. *Balmaceda*. Brasília: Senado Federal, 2003.

_____. *Campanha Abolicionista no Recife. Eleições de 1884*. Brasília: Senado Federal, 2010.

SAN TIAGO DANTAS, Francisco Clementino. *Dois Momentos de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro; Casa de Rui Barbosa, 1951.

CELSO AMORIM

_____. *D. Quixote um apólogo da alma ocidental*. Brasília: Editora
Universidade de Brasília, 1979.

LAS DOS VIDAS DE JOAQUIM NABUCO:
EL REFORMADOR Y EL DIPLOMÁTICO



Las dos vidas de Joaquim Nabuco: El Reformador y el Diplomático

Conferencia del Ministro Celso Amorim en la Academia Brasileña de Letras en homenaje al Centenario de la muerte del Embajador Joaquim Nabuco

Río de Janeiro, 18 de enero de 2010

Mi querido Presidente Marcos Vinícios Vilaça,
Mi querida Ana María Machado, Secretaria General de la Academia Brasileña de Letras,
Professor Fernando Lira, Presidente de la Fundación Joaquim Nabuco,
Embajador Afonso Arinos, mi amigo y colega,
Joaquim Aurélio Nabuco y otros familiares de nuestro homenajeado,
Eduardo Portela, a quien le debo mi primer cargo público, no estrictamente burocrático,
Señoras y señores académicos,
Señoras y señores parlamentarios
Embajadoras, Embajadores,
Señoras y señores,

Tengo el honor de dirigirme a la Academia Brasileña de Letras en el momento en que celebra el centenario de la muerte de uno de los fundadores de la institución que alberga a la literatura y la cultura brasileña. Primer Secretario General de la Academia, el Embajador Joaquim Nabuco fue también, junto con dos otros inmortales, el Barón

de Rio Branco y Rui Barbosa, uno de los fundadores de la diplomacia brasileña moderna.

Empiezo esta conferencia con una confesión de perplejidad, lo que exigirá la superación de una reflexión profunda y más extensa de lo que yo he sido capaz de hacer.

El título de esta conferencia se dió alrededor de tres semanas. Si tuviera que elegir un título hoy, hubiera elegido otra cosa. Lo más probable sería *El Enigma Nabuco*, incluso si ello significaba un plagio más o menos consciente. Y lo que más me impresionó durante esta experiencia concentrada con algunos aspectos de la obra y la biografía de Joaquim Nabuco fue la complejidad del personaje, insusceptible a las definiciones simplistas. Para un observador contemporáneo, más acostumbrado a las doctrinas y las teorías del siglo XX, Nabuco aparece como un pensador que combina actitudes y puntos de vista absolutamente modernos con otros que, a primera vista, al menos, serían “de fecha”. Nada más actual, por ejemplo, que el impulso de reforma en busca de la justicia social que anima Nabuco. Lo mismo puede decirse de la agudeza psicológica de su análisis, no sólo en el político, sino sobre el hombre Balmaceda. Su percepción de que el futuro de Brasil está estrechamente vinculado al conjunto de América del Sur no podría ser más contemporánea.

Todo esto contrasta con su defensa de un sistema controlado por una pequeña elite (que, dicho sea de paso, criticó), con su temor a las consecuencias de los liderazgos populares (o populistas), tanto en Francia como en Chile (y, obviamente, en Brasil).

Su apego a los autores que, a diferencia de otros del mismo siglo, son totalmente desconocidos para un estudiante medio de la ciencia política, o, incluso, de la historia de hoy – “Literatos franceses y tratadistas ingleses”, en el decir irónico de José Murilo de Carvalho¹ – es también desconcertante. Por otra parte, es precisamente esta coexistencia de los opuestos que hace que la personalidad de Joaquim Nabuco sea objeto de fascinación para muchos estudiosos. Es también lo que la hace absolutamente moderna, casi existencialista, en el sentido filosófico del término. Como un personaje de Sartre, Nabuco es llevado de manera permanente a tomar decisiones: entre su clase y su causa, entre permanecer fiel a sus convicciones monárquicas o servir al País, incluso bajo el régimen republicano. Es evidente la angustia – sentimiento tan sartreano – de Nabuco dada la necesidad de tener que elegir

¹ CARVALHO, José Murilo de. *Quincas, o Belo. Folha de S. Paulo*, 17 jan. 2010.

entre sus ideales abolicionistas y los intereses del gobierno brasileño en ese momento, lo cual es evidente en las justificaciones repetidas de la decisión de recurrir al Papa, contrariando la dirección de la diplomacia del Imperio.

Enigma presupone la posibilidad, al menos en teoría, de descifrar. No me atrevería a intentarlo con respecto a personalidad tan rica, tan compleja y, además, tan estudiada. Llama especialmente la atención la contradicción entre el sentimiento anti-esclavitud que acompaña Nabuco desde la juventud, y la afinidad – que es algo racional, algo sentimental – con un sistema político cuya base era la esclavitud misma.

Con tantas opciones, Nabuco no renunció a su libertad, y no procuró sofocar un lado de su alma. En otras palabras, no recurrió a la “mala fe” que lo habría llevado a componer un personaje coherente tal vez, pero sin interés, y no auténtico. El enigma Nabuco es también la esencia de su grandeza.

Nabuco, un hombre de su tiempo

El período durante el cual se forjó Nabuco como un hombre público, de fines del siglo XIX hasta la primera década del siglo XX, fue extraordinario en la vida brasileña. San Tiago Dantas resumió con precisión el espíritu de la época: “Un contraste singular prevalecía entre la economía y la inteligencia, entre la situación de debilidad material del país y la fuerza con la que surgiran las señales de una nueva mentalidad. (...) En los mismos años, gracias a uno de estos desajustes que hacen la maravilla del espectador, se situó en un nivel no alcanzado hasta entonces la vida intelectual del país”².

En un sentido amplio, los intelectuales y políticos de ese paso – incluso teniendo en cuenta la variedad de puntos de vista entre ellos – conforman la generación fundadora de la República de Brasil. La noción misma de nacionalidad ganaba densidad intelectual en ese momento de fuerte argumentación y elaboración teórica.

El ambiente histórico dominado por “dos diferentes estados de ánimo, el realismo preocupado con la inmediatez y el deseo para grandes cosas”³, en palabras de San Tiago Dantas, es el ambiente en que vivió Joaquim Nabuco.

² SAN TIAGO DANTAS, Francisco Clementino. *Dois momentos de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro; Casa de Rui Barbosa, 1951, p. 49-50.

³ Idem, p. 52.

El rasgo distintivo de los exponentes de esa generación es precisamente este “deseo de grandes cosas”, cada uno dueño de su propia interpretación, pero unificados en un sentido más profundo, en la creencia en el futuro del País. De ahí la necesidad de pensar el Brasil, para estudiar su historia, para reflexionar sobre su realidad.

La proclamación de la República aisló Nabuco – monárquico convencido hasta el final – del activismo político. Continuó a dedicarse diligentemente a la vida intelectual. No renunció a los debates públicos. Su contribución se registra en los libros que escribió después de 1889. Algunos de ellos componen cualquier lista de los textos claves para entender el Brasil.

Passado más de un siglo, el hecho que llama más la atención en los albores de la República – Brasil era entonces considerado un país de “quinta categoría”, como lo definió el latinoamericanista inglés Percy Martin⁴ – es la confianza de hombres como Nabuco en las fuerzas profundas de la nacionalidad.

Es un momento hegeliano de nuestra historia, en lo que hay una percepción de la realidad que reproduce la visión del filósofo alemán sobre la importancia de las ideas. Cito Hegel: “Todos los días, estoy más convencido de que el trabajo teórico alcanza más hazañas que el trabajo práctico. Una vez que el reino de las ideas está revolucionado, el actual estado de cosas no se sigue oponiendo resistencia”⁵.

Es en este ambiente intelectual de idealismo optimista que Nabuco contribuye a revolucionar, a su manera, el campo de las ideas”, incluso en una tierra habitada por las voces discrepantes y contradictorias.

Nabuco, liberal, abolicionista y pionero de la cuestión social

“El esclavo brasileño, literalmente hablando, sólo tiene una cosa suya – la muerte. Ni la esperanza, ni el dolor, ni las lágrimas lo son...”⁶. Pocas veces las palabras escritas habrán sido tan fuertes, tan sentidas y tan adecuadas a la definición de la deshumanización del esclavo.

⁴ MARTIN, Percy F. *Through five Republics (of South America): A critical description of Argentina, Brazil, Chile, Uruguay and Venezuela in 1905*. London: Heinemann, 1906.

⁵ HEGEL, G. W. F. Letters of January 23, 1807, and October, 1808. In: AVINERI, Sholmo. *Hegel's Theory of the Modern State*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p.68.

⁶ NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 80.

La idea de Joaquim Nabuco transitaba entre el ardor reformista y la preservación del orden establecido. Su acción política pretendía transformar el Imperio en un sistema con bases más liberales, pero sin erosionar sus estructuras. Quería ver, a la manera, por ejemplo, de Gladstone, en Gran Bretaña, el progreso de la monarquía brasileña a una forma más descentralizada en su relación con las provincias; un formato en el que el poder moderador fuera mitigado por el Consejo de Ministros; en el que la Cámara de Representantes tomara, en lugar de un Senado aristocrático, la iniciativa en la lucha de los asuntos nacionales. Sostuvo, sin embargo, su confesión monárquica, aunque nunca habiendo aceptado los títulos de nobleza que le habían sido ofrecidos.

Nabuco quería, sobre todo, ver el fin de la esclavitud. Tribuno, en conferencias y artículos publicados en los principales periódicos, presionó fuertemente para la abolición. Pero no se conformaba con la abolición formal, legal, en el papel, de la esclavitud. Quería ver el antiguo esclavo realmente integrado en el sistema productivo y en la sociedad.

Nabuco podría ser clasificado, de acuerdo con la terminología más actual, como un liberal progresista. Aunque concebido en el foco cultural de la aristocracia y la característica patrimonial burocrática de su siglo, no dudó en hacer frente al canon político. Incluso a costa de su carrera electoral, tomó la bandera del abolicionismo, transformándola en la causa de su vida pública. Para Nabuco, mantener el sistema de la esclavitud era la cadena real que prendía Brasil al retraso e imposibilitaba que el país lograra la civilización. Su profecía, por desgracia, encontró refugio en la realidad: “La esclavitud se mantendrá durante mucho tiempo la característica nacional de Brasil”⁷. Después de más de cien años, basta pensar en la interrelación de los problemas sociales y raciales, como lo demuestran las estadísticas o a través de cualquier ojeada mínima crítica para probar la exactitud del pronóstico.

Para Nabuco, la abolición de la esclavitud era, en la misma proporción, un imperativo ético y una condición previa para la modernización de Brasil. Nabuco ha sido, quizás, el formulador jefe conceptual de la causa abolicionista. Rebouças, Patrocinio, Luis Gama fueron, en primer lugar, movilizadores de la opinión pública. Nabuco dio coherencia intelectual a la causa. Se asoció con la British Anti-Slavery Society – tal vez la primera ONG que ha existido. Publicó libros sobre la liberación de los esclavos y sobre su propia implicación emocional con la causa.

⁷ NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Rio de Janeiro: Top Books, 1999, p. 163.

En Roma fue recibido en audiencia por el Papa León XIII. Su misión, autoimpuesta, era defender la emancipación de los esclavos y pedir una condena de la Iglesia Católica al mantenimiento de la práctica de esclavizar a los seres humanos. “El hombre no puede ser esclavo del hombre”⁸, decía, a lo largo de una línea de razonamiento que parecía inspirarse en Kant, matizada por una tendencia tal vez más cercana al liberalismo pragmático anglosajón que al igualitarismo de Rousseau. Nabuco admite que “el movimiento contra la esclavitud en Brasil fue más bien un movimiento de carácter humanitario y social que religioso.” Hizo un llamamiento al Papa sólo para presionar a los líderes de Brasil. León XIII publicó una Bula Papal condenando la esclavitud desde una perspectiva humanística. Se puede decir, por tanto, que en el político de Pernambuco había una pequeña parte de responsabilidad en conducir la Iglesia Católica, incluso en el siglo XIX, a adoptar un enfoque más avanzado de la universalidad de los derechos humanos. La Bula, sin embargo, sólo sería publicada después de 13 de mayo de 1888, no teniendo efectos prácticos para la causa contra de la esclavitud en Brasil. Es curioso notar la preocupación de Nabuco, grabado en *Mi Formación*, para justificar su posición, distinta de la de los gobernantes de la época, aunque cercana, en el fondo, de acuerdo con su percepción de los sentimientos de la Familia Real. La diplomacia del Imperio tendría la preferencia, pero sólo en el corto plazo. Los que vivieron el período de la dictadura militar en el ejercicio de un encargo público comprenden perfectamente esse conflicto de lealtades. Y es un testimonio favorable a Nabuco, que optó por defender su ideal, a diferencia de las posiciones reaccionarias de los últimos gabinetes del Imperio.

En *O Abolicionismo* Nabuco pone de relieve la preocupación con el futuro socioeconómico del ex-esclavo, con la integración de los brasileños de origen africana en la sociedad nacional. Cabe destacar la falta de preocupación por este aspecto en el debate político del Imperio y de la República Vieja. Ningún partido político de la Monarquía y de la Primera República – excepto, quizás, alguno partido marginal, o, como se dice ahora, “enano” – hacía mención de tan importante y crucial problema no sólo para el futuro de los ex-esclavos, sino para el futuro del país. El antiguo esclavo fue totalmente abandonado por el gobierno, por la iglesia y por los empresarios.

Refiriéndose a *O Abolicionismo*, Gilberto Freyre certifica que la famosa obra “expresa un reconocimiento, en las décadas [18] 70 y 80 de la existencia, en Brasil, de una cuestión social, y no sólo un problema de la sustitución del trabajo

⁸ Idem, p. 197.

esclavo por el trabajo libre”⁹. El autor de *Casa Grande e Senzala* pregunta: “Como habría ocurrido en Joaquim Nabuco este tipo de agudeza – la del político, la del parlamentario, la del analista e intérprete de las aspiraciones brasileñas, sensible a la importancia de lo social?”¹⁰. En su opinión, la respuesta radica en tres factores: la Facultad de Derecho de Recife, cuyo nombre pionero era Escuela de Ciencias Sociales y Jurídicas; el autoaprendizaje de Nabuco; y su “condición de brasileño de Pernambuco”¹¹.

En 1884, Nabuco, declaró: “Las reformas que se necesitan de inmediato son las reformas sociales que eleven el nivel de nuestro pueblo, que lo obliguen a trabajar y den como resultado el bienestar y la independencia, que absolutamente no existen, y que ningún gobierno todavía há cogitado para la Nación Brasileña. (...) Por eso he abandonado la actitud propiamente política en el Parlamento para tomar la actitud del reformador social. Esto sucedió porque me he desengañado de las reformas políticas”¹².

La idea social de Nabuco inspiraría, en 1949, el centenario de su nacimiento, Gilberto Freyre y un grupo de políticos e intelectuales para proponer la creación de un instituto para la investigación social “dedicado a atender la evolución de la cuestión social en Brasil.

Cuidado, cuyo inicio – sólo el inicio – se produjo en la abolición incompleta y un tanto retórica del 13 de mayo”¹³. La iniciativa resultó en la Fundación Joaquim Nabuco para la Investigación en Ciencias Sociales. En consonancia con las acciones y pensamientos del grande brasileño, el Instituto Joaquim Nabuco tiene por objeto el “estudio sociológico de las condiciones de vida de los trabajadores brasileños en la región agrícola al norte, y del pequeño agricultor que aspire a mejorar estas condiciones”¹⁴.

⁹ FREYRE, Gilberto. “Introdução”. In: *Perfis Parlamentares. Joaquim Nabuco*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1983, p. 34.

¹⁰ Idem, p. 35.

¹¹ Idem, p. 38.

¹² NABUCO, Joaquim. *Campanha Abolicionista no Recife. Eleições de 1884*. Brasília: Senado Federal, 2010, p. 47-48.

¹³ FREYRE, Gilberto. “Introdução”. In: *Perfis Parlamentares. Joaquim Nabuco*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1983, p. 34.

¹⁴ PEDRO, Arthur. A Fundaj e as desigualdades regionais e sociais. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=377&textCode=9071&date=currentDate>>

Además de adherirse a los principios del liberalismo clásico, por lo tanto Nabuco fue pionero de la introducción de la cuestión social en Brasil. Más que un intérprete de la formación de Brasil, Joaquim Nabuco fue defensor de un programa para el futuro, que incluía, además del fin de la esclavitud, la redefinición de la cuestión agraria.

Nabuco y Rui: enfoques divergentes e identidad de fines

Interesante ver cómo las vidas de Joaquim Nabuco y Rui Barbosa – dos de los grandes hombres públicos de la *Belle Époque* de Brasil, a menudo comparados – siempre han estado entrelazados. A pesar de las diferencias en las personalidades, las opiniones y trayectorias, se mantuvo firme la amistad, la admiración y la comprensión mutuas.

Ambos nacieron el mismo año de 1849. Nabuco hubo cuna aristocrática y rural, y Rui venía de una familia urbana de clase media.

Fueron colegas en la *Faculdade de Direito do Largo de São Francisco*, militaron en política académica en el gremio del estudiante universitario *Ateneu Paulistano*, inspirado por la fuente del pensamiento liberal.

Los estilos de entender y hacer política muestran diferencias notables, sin embargo. Nabuco tenía como valor principal el orden, en este caso, monárquico, que en última instancia acaba por matizar la reforma política y social, en particular el federalismo, la abolición, la integración socioeconómico de los antiguos esclavos, la reforma agraria y la elevación del nivel de vida del pequeño trabajador rural. Cambiar, sí, pero dentro del orden establecido.

Gilberto Freyre explica el itinerario de Nabuco: “presentandose como un “reformador social”, él se define por esta opción, inusual para la época, la renovación de la acción política por la perspectiva social”, y añade: “tomó caminos diferentes de los seguidos por el padre [el senador Nabuco de Araujo] rígidamente jurista. Tomó direcciones sociales. Se podría decir que plásticamente sociales, en el sentido de no ser doctrinalmente esto o aquello”¹⁵. Valoró sus experiencias de vida: “Para Nabuco, la gente, la gente común, el hombre del pueblo, la gente de color negro, son realidades con las que vivía.” La lectura de sus memorias de *Massangana* están de acuerdo con esta interpretación.

¹⁵ FREYRE, Gilberto. “Introdução”. In: *Perfis Parlamentares. Joaquim Nabuco*. Perfis Parlamentares. Brasília: Câmara dos Deputados, 1983, p. 47.

Afonso Arinos de Melo Franco destacó el “humanismo de Nabuco”, el humanismo del siglo XIX, que combina el liberalismo con el individualismo.

Se dice que “el individualismo de la época – se trata de una nueva palabra, acuñada por Alexis de Tocqueville – era esencialmente una doctrina liberal, una doctrina esencialmente evolutiva, transformadora y progresista – que no debe confundirse con el egoísmo – sino que se basaba en “la creencia en las posibilidades de mejora y la evolución del hombre”¹⁶. Para el ex canciller, esta es la gran lección del “individualista y liberal Joaquim Nabuco”.

Es algo difícil de explicar como Nabuco – persona de inteligencia superior, ambición legítima de poder y dotado de plasticidad en el pensamiento y la acción – priorizó la lealtad al Emperador D. Pedro II, incluso después de la proclamación de la República, a punto de sacrificar su futuro político, sus posibilidades de acción práctica. Se sumerge en el ostracismo en la soledad de Paquetá, donde estaba el 15 de noviembre de 1889.

Con respecto a Rui, relega a segundo plano la forma de gobierno, ya sea republicana o monárquica. Se aplica muy bien a Rui Barbosa la definición de Karl Mannheim, según la cual “la utopía de la mentalidad liberal humanitaria es la idea”¹⁷ – idea propuesta en su esencia, independiente de las circunstancias. De acuerdo con el punto de vista de Rui, por ejemplo, la democracia debe ser tanto un valor nacional e internacional.

Así, para Rui Barbosa, la forma de gobierno y su orden político son sólo un detalle que puede y debe ser cambiado, si es un obstáculo para la aplicación de las ideas defendidas: el federalismo, la libertad individual, el abolicionismo, la industrialización, el Estado de Derecho y la igualdad de las naciones.

Como Primer Ministro de Finanzas de la República, el intentó de llevar a cabo la gestión de modernizar y reformar la estructura productiva del país, ya que, como señaló acertadamente San Tiago Dantas, “quería ver abiertas las puertas de la oportunidad en un país previamente congelado por los privilegios de la clase dominante”¹⁸.

Rui actúa con determinación de acero y es plenamente consciente de que “los gobiernos revolucionarios no son, no pueden ser gobiernos

¹⁶ FRANCO, Afonso Arinos de Melo. “O humanismo de Nabuco”. In: FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Estudos e Conferências*. São Paulo: Editora Comercial, 1961, p. 296-297.

¹⁷ MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia: Introdução à Sociologia do Conhecimento*. Porto Alegre: Editora Globo, 1956, p. 204.

¹⁸ SAN TIAGO DANTAS, Francisco Clementino. *Dois momentos de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro; Casa de Rui Barbosa, 1951, p. 21.

económicos”, tal como se expresa con notable sinceridad. Por otra parte, Hermes Lima – Ministro de Relaciones Exteriores del Gobierno Goulart y miembro de nostálgico recuerdo de esta Casa –, teniendo en cuenta las fuertes y autorizadas críticas de Rui a los vicios, principalmente a los fraudes electorales de la Primera República, indica con claridad que el tribuno de Bahía era uno de los ideólogos principales de la Revolución de 1930 – a saber, el derrocamiento del entonces orden político: “Rui había sido el revolucionario histórico por excelencia de la Segunda República”¹⁹.

Nabuco: la reforma agraria. Rui: la revolución industrial.

Nabuco dio uno de sus discursos más importantes de la campaña abolicionista en Recife, en la plaza de San José do Ribamar, el 5 de noviembre de 1884. En el plantea “por primera vez la bandera de una ley agraria, la bandera de la instauración de la democracia rural”. Dice que “no hay otra solución posible para el mal crónico y profundo del pueblo, sino una ley agraria que prevea la pequeña propiedad, y que abra un futuro para usted y sus hijos, por la posesión y el cultivo de la tierra. Queremos que los brasileños sean propietarios de tierras, y que el Estado les ayude a hacerlo”²⁰. Esto bien podría ser el lema del Ministerio de Desarrollo Agrario del Gobierno del Presidente Lula.

Nabuco sostuvo que: “La propiedad no sólo tiene derechos, tiene también deberes, y el estado de pobreza entre nosotros, la indiferencia con que cada uno mira la condición de la gente, no hace honor al Estado. Yo, por lo tanto, de ser elegido, ya no separaré las dos cuestiones: la emancipación de los esclavos y la democratización de la tierra. Uno complementa al otro. Poner fin a la esclavitud no es suficiente para nosotros: tenemos que destruir la obra de la esclavitud”²¹. Pocas veces, tal vez nunca, un político o intelectual de esa época tuvo palabras tan fuertes.

No es de extrañar que Alceu Amoroso Lima, luchador por la libertad y grandes causas sociales, se pregunta en el prefacio que escribió, en 1966,

¹⁹ LIMA, Hermes. *O Construtor, o Crítico e o Reformador na Obra de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958, p. 18.

²⁰ NABUCO, Joaquim. *Campanha abolicionista no Recife: eleições de 1884*. Brasília: Senado Federal, 2010, p. 57.

²¹ Idem, p. 58.

para una edición popular de *Minha Formação*: “¿Cuándo tendrá Brasil otro Joaquim Nabuco para llevar a cabo una revolución social, la de la transición del trabajo libre ao trabajo justo, o más bien, del nominalmente libre ao realmente libre?”²².

En el ideario revolucionario de Rui Barbosa se encuentra su lucha por la industrialización de Brasil. Para él, la República sólo se consolidaría “quando sus funciones se establecieran en la democracia del trabajo industrial”²³. Rui también señala como base para la industrialización el entrenamiento industrial, que, en su opinión, “va a inaugurar el inicio de las fuerzas populares en la labor política del Estado”²⁴. Rui sintió, por lo tanto, la revolución democrática que se ha disparado por la industrialización, con todas las dificultades que conocemos. No es exagerado decir que esta revolución tuvo uno de sus momentos más importantes en la elección, de 2002, de un trabajador de formación industrial y proveniente de las luchas sindicales, a la Presidencia de la República.

Nabuco, patrón de la reforma agraria, y Rui, el pionero de la industrialización, se complementan y indican los dos mayores desafíos de la modernización democrática de Brasil. Y es necesario reconocer la audacia de Nabuco como un precursor de la justicia social en Brasil. De nuevo, es Gilberto Freyre quien señala: “En uno de sus discursos de abolicionista Nabuco repitió esta frase que él mismo llamó “revolucionaria”. ¿Que es el trabajador? Nada. ¿Qué será? Todo”²⁵. ¿No hay aquí un eco, tal vez inconsciente, de las doctrinas socialistas del siglo XIX que el mismo Nabuco no profesó?

Con la abolición de la esclavitud, el abolicionista ganó la causa de su vida política. Cómo la esclavitud fue un punto de apoyo para el Imperio, la supresión ha anticipado la caída del reinado de Pedro II. Y la proclamación de la República acortó la carrera política de Nabuco. El pensador de Pernambuco volvería a la vida pública a través de Campos Sales y del Barón de Rio Branco, este, su amigo de juventud, ue le proporcionaron la oportunidad de

²² LIMA, Alceu Amoroso. Pró Memória. In: NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 10.

²³ LIMA, Hermes. *O Construtor, o Crítico e o Reformador na Obra de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958, p.10.

²⁴ BARBOSA, Rui. *O desenho e a arte industrial: discurso no Liceu de Artes e Ofícios em 25 de novembro de 1882*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1949, p. 56.

²⁵ FREYRE, Gilberto. *Joaquim Nabuco e as reformas sociais*. In: NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 22.

revivir para el servicio de la Patria, ya no en el Parlamento, pero esta vez, en la diplomacia.

Nabuco diplomático

Político, escritor, periodista, intelectual comprometido, prócer del movimiento abolicionista, Nabuco también fue un diplomático de gran importancia. Incluso en la juventud, a petición de su padre, Nabuco de Araujo, uno de los máximos exponentes del Segundo Imperio, Joaquim Nabuco fue nombrado agregado de la Legación de Brasil en Washington. En los Estados Unidos, dióse cuenta, por primera vez, de los movimientos en el tablero de la geopolítica mundial y de las virtudes y los vicios de la democracia de masas. Hay, en *Minha formação*, penetrantes análisis sobre la vida política de los Estados Unidos, en contraste con las costumbres y las prácticas europeas.

Algunos años más tarde, sería nombrado agregado a nuestra representación en Londres, aunque por poco tiempo, y tuvo que volver pronto a Brasil, a causa de la muerte de su padre. Acerca de la capital británica, dijo, mostrando una gran sensibilidad, “lo que hay en Londres como un placer de la vida no es arte, pero la comodidad, y no la norma, las medidas, en tono de las costumbres, es la libertad, la individualidad; no es la decoración, es el espacio, la solidez”.

La reflexión me hizo recordar la sensación que tuve en una ocasión, al cruzar el Puente de Waterloo, en torno a los años ochenta. Yo vivía en Holanda, donde había sido enviado por el Ministerio de Relaciones Exteriores, como por una especie de exilio dorado, donde purgaría el pecado de haber ofendido el orgullo del régimen militar al autorizar y financiar, como Presidente de Embrafilme, la película *Pra frente Brasil* por Roberto Fariás. Disfrutando de unos días de descanso – que no era difícil de obtener en la tranquila Embajada en La Haya – viajé a la capital británica para visitar mi mentor, Ralph Miliband. Al moverme, a pie, del Centro Cultural de South Bank – donde se encuentran el Royal Festival Hall, Hayward Gallery, además del cine de arte, ópera y otras salas de concierto – hacia el Aldwich, dónde está la London School of Economics, tuve la sensación de que Londres era una especie de cerebro grande, que, como en una película de Tarkovsky, la gente e las ideas se mueven, diferentes maneras de actuar y de ver el mundo. Algunos siglos antes, el gran filósofo y lexicógrafo Samuel Johnson había definido la gran ciudad con una frase simple y magistral: “Él que está cansado de Londres está cansado

de la vida”. Nabuco capturó bien esta confluencia de las libertades individuales, característico de la capital británica.

En la política brasileña del siglo XIX, la diplomacia se ofrece como una alternativa al ostracismo de la política electoral partidaria. En el período anterior a su profesionalización, la carrera diplomática parecía ser una segunda opción de políticos o solicitantes; una canonjía con que eran compensados durante los períodos en que sus partidos se encontraban excluidos del ejercicio del poder. En el Imperio, y de hecho hasta hace muy poco, en la República (aunque más moderado), la actividad diplomática era a menudo Banco de la Reserva de la política y del estamento burocrático.

Nabuco ingresó en la diplomacia a través de esa puerta, al igual que Juca Paranhos. En el momento en que Nabuco fue enviado a Washington, el futuro Barón de Río Branco fue designado, asimismo, a instancias de su padre, Cónsul de Brasil en Liverpool. Nabuco de Araújo, sobre el futuro del heredero, quien deseaba que se le reemplazara como estadista, dijo: “su talento no debe morir en la diplomacia.” Alceu de Amoroso Lima haría comentario mucho más mordaz y, de hecho, no muy halagador para la diplomacia, en su prefacio a *Minha Formação*.

Nabuco regresaría a Londres, ya en el período republicano, esta vez para preparar las memorias de la defensa brasileña en la disputa con Gran Bretaña por la posesión de la región de Pirara. Fue rescatado para el servicio público por el Presidente Campos Sales, que lo hizo el representante designado del Brasil en el conflicto fronterizo con la Guayana Británica, a ser arbitrado por El Rey Victor Emanoel, de Italia.

Al aceptar la invitación, después de más de una década de hibernación política a la que se habría sometido a raíz de un cambio de régimen, el realista de duelo se ha convertido, por último, en un oficial de la República. Afirmó que la aceptación de la misión a él confiada era la respuesta a un llamado patriótico. Después de la larga – y con éxito – campaña para la abolición, el nombramiento a la Comisión de Límites de la Guayana Británica marcó su regreso a lo que Angela Alonso, una de sus biógrafas más recientes, há clasificado como su “curso natural”: la diplomacia.

En realidad, es parte del enigma que rodea la figura de Nabuco finalmente saber cuál era su cauce natural: la diplomacia, la movilización abolicionista o la tribuna parlamentaria.

De vuelta en Londres, fue llamado a ocupar, inicialmente con carácter provisional, el cargo de Jefe de Misión de Brasil en la capital británica, vacante

desde la muerte de su ocupante. Las relaciones con Gran Bretaña, un país que había apoyado su causa abolicionista al borde de tantos años, caminaba tensa: más allá de la invasión de la isla de Trinidad, en 1895, contra la soberanía de Brasil, la ocupación de la región bordeada por los ríos Tacutu, Cotíngo y Rupununi ponía em lados opuestos Río de Janeiro y Londres.

La mediación italiana resultó en la división – supuestamente salomónica – del Pirara. El laudo arbitral del Rey Víctor Emanuel concedió tres quintas partes del territorio en disputa a Gran Bretaña, y dos quintas partes a Brasil. El argumento brasileño acerca de la *uti possidetis* – el título de propiedad sobre un territorio sobre la base de la ocupación previa y la antigüedad – fuera refutado. La decisión fue vista como un revés diplomático para Nabuco y Brasil. El contraste con las victorias del Barón de Rio Branco en las cuestiones de Palmas y Amapá alimentó también la interpretación de que Brasil había sido alejado de territorio que le pertenecía.

La opinión pública y la historiografía redimirían Nabuco. Hay un consenso casi total que la elección del árbitro influyó en el resultado del laudo arbitral, mucho más que la calidad de los informes preparados. El mediador italiano, que abrigaba poca discreta simpatía por Inglaterra, buscó una solución que no ofendera a Londres. A pesar de la relativa falta de exactitud histórica y técnica del laudo arbitral, la decisión de Italia fue plenamente aceptada por el Gobierno brasileño. Respetar las decisiones arbitrales sobre nuestros límites siempre ha sido un postulado de nuestra diplomacia.

Joaquim Nabuco fue nombrado, en 1905, el primer Embajador de Brasil en Washington, tan pronto como la Legación de Brasil en los Estados Unidos fue ascendida al rango de Embajada – el primero entre todos.

En aquel entonces, el *status* de “Embajada” era privilegio concedido a las grandes potencias. Era considerado un escaparate de jerarquía superior y, por otra parte, tenía un efecto práctico: el Embajador tenía acceso al Presidente, a diferencia de lo que sucedía con el Ministro de la Legación. El gesto de levantar la Legación de los Estados Unidos, por lo tanto, no carecía de simbolismo político: señalaba que el Brasil republicano asignaba prioridad a la agenda continental.

Eso era la efectuación de la transferencia del eje preferencial de la diplomacia brasileña de Europa a las Américas. En el mismo año, como una manifestación de reciprocidad, fue en Río que los EE.UU. también abrió su primera Embajada en América del Sur.

Al asumir la Embajada en Washington, Nabuco trabajó en armonía con el Barón de Río Branco para unas relaciones más estrechas con los Estados Unidos, un país que ya estaba mostrando señales de la importancia que adquiriría en el siglo XX. Pronto Nabuco ganó gran prestigio en la capital de EE.UU., hasta el punto que el Presidente Theodore Roosevelt haber aconsejado a un diplomático, recientemente llegado, a conocer tan pronto el Embajador de Brasil, diciendo, “porque no hay personalidad más interesante en Washington”.

La “alianza no escrita”, tal como definida por el historiador Bradford Burns, era forjada en la percepción del peso relativo de las dos repúblicas en el hemisferio. Aún antes de asumir la condición de superpotencia, los Estados Unidos, en la época del Barón y Joaquim Nabuco, equilibraba, de alguna manera, el eurocentrismo, que dominaba las relaciones internacionales. Se podría decir que el laudo arbitral sobre la controversia con Gran Bretaña había traumatizado Nabuco. Como ha señalado Rubens Ricupero, más que el resultado, lo que ahora preocupaba Nabuco era su argumentación, que pondría en peligro nuestra soberanía sobre gran parte del País, especialmente la Amazonia. De ahí la afirmación, que hoy puede parecer simplista, que “para nosotros la elección es entre monroísmo y recolonización por Europa”²⁶. El acercamiento con los Estados Unidos en la primera década del siglo XX no fue, por tanto, llena de ningún sentido de sumisión o de asombro. El cálculo de Río Branco y Joaquim Nabuco era que Estados Unidos estaba preparado para evitar interferencias europeas en el continente americano. Por otra parte, esta medida reforzó la posición de Brasil en sus intermediaciones.

La “alta inteligencia”, para usar la jerga diplomática de la época (tal vez hoy diríamos “asociación estratégica”) con los Estados Unidos parecía, por lo tanto, de gran interés para Brasil. Con el beneficio de la ojeada retrospectiva, se puede argumentar que Nabuco alimentaba una visión que resultó ser quizá demasiado optimista sobre el comportamiento de los Estados Unidos como potencia mundial. Si, por un lado, como predijo en *Balmaceda*, el país optó por no lanzarse a aventuras del tipo practicado por las potencias europeas neo-coloniales, la evolución de los acontecimientos no ha confirmado su opinión de que Washington no trataría de establecer su propia esfera de influencia en América Latina y el Caribe.

²⁶ DÁVILA, Sérgio. “De pernas para o ar”. In: *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 17 jan. 2010.

Como Embajador de Brasil en Washington, Nabuco trabajó para hacer de Río de Janeiro la sede de la Tercera Conferencia Panamericana de 1906. Victorioso, hizo gestiones para que el Secretario de Estado Elihu Root veniese a Brasil, lo que pasó a la historia como la primera visita del jefe de la diplomacia de EE.UU. al extranjero. Nabuco presidió la Conferencia, después de haber estado participando en las pruebas preparatorias, para evitar que las riñas entre los países del Continente impidieran que la reunión se convirtiese en realidad.

De regreso en Washington, en el espíritu de la integración continental, Root y Nabuco trabajaron de manera conjunta por la expansión de la Oficina de las Repúblicas Americanas, que concentró sus actividades en la Residencia del Embajador de Brasil. La Unión Panamericana, que se formalizaría en la Conferencia Panamericana, en Buenos Aires, ya después de la muerte de Joaquim Nabuco, es, obviamente, un embrión de la actual Organización de los Estados Americanos.

Dado su éxito en la conducción de la Conferencia Panamericana, Nabuco fue contemplado para hacerse cargo de la dirección de la delegación brasileña que se envió a La Haya para la Segunda Conferencia de Paz. El hecho causó gran movimiento en la comunidad internacional. En La Haya, se sentaron las bases mismas del derecho internacional. Frente a los problemas de salud, que ya enfrentaba, y la invitación de Río Branco a Rui Barbosa, Nabuco sólo pudo trabajar en los preparativos para el desempeño de Brasil en la Conferencia.

Río Branco, hombre público, sobre todo racional, acepta el reto del nombre de Nabuco – su elección – por sectores republicanos de peso, para encabezar la delegación brasileña. Acoge el nombre de Rui Barbosa para ser el representante del Brasil en esta importante y pionera reunión internacional – la primera en la historia para reunir a todos los Estados soberanos.

A pesar de la campaña en contra de su nombre por el *Correio da Manhã*, Joaquim Nabuco muestra grandeza de alma para soportar y colaborar con su amigo Rui Barbosa en el *début* de Brasil en la política mundial. Preparó perfiles de los delegados que conocía – los Embajadores aquí hoy reconocen la importancia de esta tarea cuando nos estamos preparando para una negociación –, e intercambió harta correspondencia con el Jefe de la delegación brasileña. Entre las sugerencias que hace a Rui, Nabuco recuerda el ejemplo de la misión del Conde Witte a los Estados Unidos, cuando del Tratado de Portsmouth, oportunidad en la que el enviado ruso abandonó las normas y

etiquetas, dirigiéndose a la prensa estadounidense, y “ganó para su país la buena voluntad general”. Nabuco recomienda a Rui: “Usted no es un diplomático de carrera; está en una misión en la que el hombre de Estado no debe tener en cuenta los protocolos, o formas; por lo que puede librarse de muchas normas tontas y anacrónicas que todavía mantienen nuestro arte, a la vez en que la opinión es la fuerza de las fuerzas en la política”²⁷. En muchas luchas recientes y actuales de la diplomacia brasileña, especialmente en asuntos económicos y comerciales, las lecciones de Nabuco continúan inspirando.

Fue en las Conferencias de Río de Janeiro y de La Haya que Brasil debutó en la diplomacia multilateral. El multilateralismo se consolidaría como un canal privilegiado de expresión de los principios, puntos de vista y intereses brasileños en el mundo. Un orden internacional organizado por reglas que son predecibles y que limitan el uso arbitrario y unilateral de la fuerza no sólo es moralmente deseable, pero también de lo más profundo interés para una nación pacífica, como Brasil. No es exagerado creer que Brasil, desde entonces, ha desarrollado una visión verdaderamente multilateral de las relaciones internacionales.

Nabuco, sin embargo, tenía punto de vista algo distinto del de Rui. A diferencia de Rui Barbosa, que en la Segunda Conferencia de La Haya se dedicó a la defensa de la igualdad soberana entre los Estados, el pernambucano creía que la extensión de la igualdad de derechos para todos los países representaba, de hecho, una fuente de desigualdad en el ámbito internacional. Según su razonamiento, los países más poblados quedarían, en términos proporcionales, subrepresentados en un orden internacional constituido de unidades que podrían beneficiarse de los mismos privilegios legales. Es un debate que todavía está vivo, si no en teoría, al menos en la práctica, y que puede resumirse, por ejemplo, por conflictos latentes de competencias entre la Asamblea General de las Naciones Unidas y del Consejo de Seguridad. También está presente en la controversia en torno a la nueva configuración informal llamada “gobernanza global”, al final del siglo pasado y principios del actual: G-8, G-20 y todos estos “ges”.

La visión de Rui triunfó. Convencido, el Barón de Rio Branco dio instrucciones a la delegación brasileña a La Haya para defender la tesis de que cualquier país independiente, a pesar de su tamaño, la región en que se

²⁷ BARBOSA, Rui & NABUCO, Joaquim. *Meu caro Rui, meu caro Nabuco, correspondência*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 1999, p. 54.

encuentra o su grado de “civilización” (que fue el mismo término usado), tendría los mismos derechos en las relaciones internacionales. La defensa de la igualdad soberana de los Estados se ha convertido desde entonces en uno de los pilares de la acción exterior de Brasil.

A pesar de los argumentos expuestos en una larga carta a Rui Barbosa, Nabuco no puede ser definido como un defensor de desigualdad o jerarquía entre los países. Él se dio cuenta de la desigualdad como una situación de hecho, y trató de reservar el espacio de grandeza para el Brasil, dijo, correspondiente a su tamaño. Él entendía que en un sistema organizado por la diferencia de capacidades relativas entre los países, cabería a Brasil la inclusión en la lista de los “grandes”.

El pensamiento realista de Nabuco estaba influenciado naturalmente por las nociones de su tiempo. La principal preocupación de los formuladores de la política exterior brasileña de entonces, así como de otras naciones militarmente débiles, era la preservación de la integridad territorial y la soberanía nacional (Ya me he referido al “trauma de Pirara”). La preocupación de Nabuco y Rui, respectivamente con la universalidad de los principios y la preservación de la soberanía nacional, se tradujo en el compromiso histórico de Brasil a un orden internacional basado en reglas.

El pensamiento diplomático de Nabuco: la cuestión de América Latina y América del Sur

Forjado en una matriz cultural predominantemente europeo, Nabuco fue capturado con la fascinación de la sociedad estadounidense, la vitalidad de su democracia, la apertura del país a los flujos migratorios. Lo que llegó a ser confundido con un revisionismo histórico, con deslumbramiento, era, en efecto, la fascinación con la idea misma de la modernidad. En las conferencias que pronunció en varias universidades americanas, entre las que se destacan Chicago y Wisconsin, trasluce su admiración por el Nuevo Mundo y la contribución que creía que los Estados Unidos daría a la civilización, dijo, “aparte del tabaco”²⁸.

Conviene resaltar el análisis del escenario internacional que Nabuco hace en una carta a Campos Sales en 1906. El embajador de Brasil en Washington ve con claridad la importancia de la política exterior y expresa su preocupación

²⁸ ALMINO, João. "O pote de barro e o pote de ferro: a utopia de Nabuco para as duas Américas". In: Política Externa. São Paulo: Editora Paz & Terra. Vol. 18, n°2, Set/Out/Nov. 2009, p. 149.

por el creciente nivel de tensión entre las potencias de la época: “Mi impresión es que para todos los países de Europa y América, el problema externo tiende cada vez más a superar los problemas internos, porque estamos avanzando hacia un momento en que el destino de todos ellos, sin excepción, debe verse afectado por la solución que tenga el conflicto de influencia y la preponderancia entre los grandes sistemas actuales de poder “– y es interesante observar –“como la Doble y la Triple Alianza, el Imperio Británico y la Doctrina Monroe”²⁹.

El decantado panamericanismo de Nabuco a veces oculta la importancia que concede a las relaciones con los países vecinos más de cerca. Presintió el gran estadista que el continente de América del Sur está unida no sólo por las circunstancias geográficas, sino también por la elección de la forma de gobierno que mostraba un sentido de destino común: desde entonces, el sistema republicano.

En *Balmaceda*, trabajo notable, sobre todo por el espíritu pionero que este estudio representa sobre un estadista, su contemporáneo, de otra nación de América del Sur, Nabuco, dijo: “El interés que me ha inspirado para las cosas de América del Sur, naturalmente aumentó después de la Revolución del 15 de noviembre. Desde entonces, empezamos a formar parte de un sistema político más amplio. Por lo tanto, el observador brasileño, para tener idea exacta de la dirección que tomamos, es obligado a estudiar el movimiento del continente, para escuchar el murmullo, el pulso continental”³⁰. El impulso integracionista moderno que llevó a la creación de Mercosur y de UNASUR, no pudo encontrar más felices y adecuadas expresiones.

En el libro sobre el estadista chileno, Nabuco anticipó la prioridad que concede a Sudamérica para la inserción internacional de Brasil. Indica, con firmeza, la necesidad de una ruta adecuada: “La solución del problema por lo tanto se ha de buscar en cada uno de nuestros países; sin embargo depende de la formación al rededor de ellos de una creencia interesada en su redención, que ayude los esfuerzos, o, si no otra cosa, los sacrificios de aquellos que se registren en cualquier partido que lucha por una causa común”³¹. Otra cosa no es, por ejemplo, la cláusula democrática del Mercosur.

²⁹ NABUCO, Carolina. *A vida de Joaquim Nabuco*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 2ª ed. 1929. *Apud* LEITE, Beatriz W. de Cerqueira. *Joaquim Nabuco*. São Paulo: Ícone, 2001, p. 118.

³⁰ NABUCO, Joaquim. *Balmaceda*. Brasília: Senado Federal, 2003, p. 167.

³¹ *Idem*, p. 170.

Es uno de los primeros intelectuales brasileños a trabajar y priorizar el concepto de América del Sur. Se presenta como un “espectador Suramericano,” llama la atención sobre el hecho de que “cada día se vuelve más importante para nosotros saber el estado político de América del Sur”³².

El libro sobre el presidente de Chile tiene éxito, al mismo tiempo, al hacer una radiografía de un momento histórico en las circunstancias regionales, la revolución chilena de 1891, y describe – incluso con algún registro trágico-poético –, el marco psicológico del personaje central. La composición de Nabuco sobre el aislamiento y la soledad que llevaron Juan Manuel Balmaceda a tomar su propia vida, mientras asilado en la legación argentina en Santiago, no utiliza imágenes fáciles o teatro edificante. Además de un esfuerzo extraordinario, historiográfico y literario, revela la densidad intelectual y la profundidad de análisis del autor.

Se hace, a menudo, un paralelo (incluyendo una oda de Pablo Neruda), entre la trayectoria de Balmaceda y la de Salvador Allende. La plataforma de gobierno progresista, la enajenación de los sectores más conservadores de la sociedad y el fin trágico serían elementos presentes en las biografías de estos dos líderes chilenos. No es posible, tampoco, leer la descripción de Nabuco sobre los últimos días de Balmaceda sin evocar el recuerdo de otros políticos que han optado por reducir dramáticamente sus vidas.

La figura de Balmaceda, para quien el autor nutre dosis similares de interés y antipatía, es pretexto para el verdadero tema central del libro: las tensiones actuales en el régimen presidencial entre participación popular y política pública, entre autoridad y democracia, entre eficiencia y representatividad. No hay ninguna palabra sobre la base económica de Balmaceda. No se hace mención del control sobre el salitre, por ejemplo. Joaquim Nabuco expone en la obra sobre el equilibrio de poderes entre el Ejecutivo y el Legislativo en una república, desde la perspectiva de los peligros de la excesiva concentración de poder. Monárquico y liberal, Nabuco se asemeja, en el campo de las ideas, a los republicanos del Congreso chileno. Más importante que este tipo de elección es el esfuerzo de analizar los dilemas institucionales, vivos hasta ahora, desde el estudio de una situación específica que enfrenta un país de América del Sur.

En *Balmaceda*, llega a la superficie la percepción de Nabuco sobre la importancia para Brasil de la estabilidad regional y el progreso de los vecinos.

³² Idem, p. 12-13.

Con gran actualidad, dice: “La libertad Argentina se convirtió en un interés directo para Brasil, como lo fue para los argentinos la libertad de Chile en el tiempo de Rosas. Interesa al boliviano y al peruano que el Estado más cercano les ofresca un asilo seguro y sirva de estímulo a su país³³.”

Aunque un poco largo, cito en su totalidad, dada su importancia para comprender el sentido de Nabuco, un párrafo del *Post Scriptum* del libro titulado *La cuestión de América Latina*: “Desde que tenemos que aceptar lo inevitable” – es decir, la República –, “el estudio de la revolución chilena tiene gran interés para nosotros en términos de la evolución política en el Hemisferio. De hecho, dado el progreso de la moral universal, no es posible para la civilización asistir indefinidamente impasible al desperdicio de fuerza y actividad humana que se produce en una escala tan grande en una de las secciones más importantes del mundo, como es América Latina.

El mantenimiento de un vasto continente en un permanente estado de desgobierno, de anarquía, es un hecho que, dentro de cierto tiempo, inevitablemente llamará la atención del mundo, como acabó por atraerla, a final, el desaprovechamiento de África. ¿Cómo será el rescate de los países de Centro y Sur América? ¿Dónde van a encontrar refugio de sus gobiernos extortores? ¿Cómo va a nacer y crecer en cada uno la conciencia del Derecho, de la Libertad y de la Ley, que no están presentes, ya que no poseen ninguna sanción?”³⁴ Incluso hoy, muchos progresos en la solución del estado de la democracia en América Latina y el Caribe, así como los avances económicos y sociales de la región no pueden servir como excusa para bajar la guardia.

Merece registro, en la dimensión suramericana de Nabuco, la intención que ha expresado en una carta al Barón Homem de Melo, en 1882, de “fundar y dirigir un periódico en Brasil”³⁵, que tendría, entre sus fines, ser un periódico “suramericano interesado en el desarrollo de relaciones que no existen entre nuestro país y países como Argentina y Chile. Un periódico de este tipo estoy seguro de que sería el mayor servicio que podría prestar a Brasil”³⁶.

En el horizonte ideológico en el que un hombre de su tiempo podía moverse, el Panamericanismo parecía la expresión de una integración regional

³³ Idem, p. 170.

³⁴ Idem, p. 168.

³⁵ NABUCO, Joaquim. *Cartas a amigos*. Apud LEITE, Beatriz W. de Cerqueira. *Joaquim Nabuco*. São Paulo: Ícone, 2001, p. 128-9.

³⁶ Ibidem.

posible. Nabuco abrazó esta causa con ardor. Vino a anunciar la formación de una comunidad política en las Américas. El desarrollo de una marcada asimetría en las Américas hace que este punto de vista sea hoy matizada por la cautela natural. Queda, por supuesto, el interés en una cooperación más estrecha entre todos los países de las Américas, pero sería arriesgado hablar de integración entre entidades con poderes tan desiguales.

La integración regional, por lo tanto, asume formas diferentes. El Mercosur, inicialmente estructurado para estimular un mayor intercambio económico, a pesar de la fuerte motivación política que inspiró su creación, constituyó la vértebra central de un proceso de afirmación de la América del Sur como un espacio geopolítico. La Unión de Naciones Suramericanas, la UNASUR, logrando la participación de todos los países del continente en un proyecto de coordinación política, significó un paso más en este caminar. A finales de 2008, por invitación del Presidente Lula, se reunieron en Costa do Sauípe, Bahia, los Jefes de Estado de todos los países de América Latina y el Caribe. Fue en esta Conferencia – la CALC, cómo es conocida desde entonces – que todos los países de la región se reunieron, por primera vez en dos siglos de Historia, basada en su propia agenda, sin la tutela externa.

* * *

Vale la pena, de nuevo, recurrir a Nabuco, esta vez en *O Estadista do Império*: “La política exterior es la política por excelencia, especialmente para las *naciones casi de futuro, como Brasil*”³⁷. La referencia al país “casi de futuro” no era excepción en la mente de los hombres de aquel tiempo. La creencia en la excepcionalidad del País, acompañada de la percepción de que Brasil sólo alcanzará su grandeza cuando cruzara la línea de llegada de la modernidad, preocupaba aquella generación. Rui Barbosa, por ejemplo, creía que Brasil era una de las “naciones llenas de futuro”. La formulación clásica de Stephen Zweig, concebida ya a mediados del siglo XX, pobló el imaginario colectivo de Brasil durante generaciones.

Nabuco, Barbosa y el austriaco Zweig, cada uno a su manera, predijeron con exactitud. La noción de “casi futuro”, en un primer momento, rechazó el “casi” y luego hizo presente el futuro - como ahora reconocen los gobiernos extranjeros y la opinión pública mundial. La política exterior – la “política por

³⁷ NABUCO, Joaquim. *Um estadista do Império*. Rio de Janeiro: Top Books, 1997, p. 829.

excelencia”, como define Nabuco – asume parte de la responsabilidad de este proceso, al traducir en el escenario internacional, la actitud de una nación que orgullosamente tiene como objetivo contribuir a la formación de un mundo más multipolar, más democrático, más justo y más solidario.

Nabuco, el Quijote brasileño

Guiado, a lo largo de su carrera, por conjugación entre la teoría y la práctica, Joaquim Nabuco puede ser considerado como uno de los más completos políticos de Brasil.

Él revela, en *Minha Formação*, las dos principales fuentes para la fijación de sus convicciones. El primero es teórico – el libro *A Constituição Inglesa*, por Walter Bagehot, la obra sobre la que confiesa: “Le tomé, transformandola a mi manera, todas las herramientas con que he trabajado en la política, excluyendo sólo la obra de la abolición, cuyo puñado de ideas tuvo, creo, otra procedência”³⁸.

La otra fuente es práctica, la experiencia decisiva de su niñez, narrada en el capítulo *Massangana* en el que “la esclavitud, creo, cabe toda”³⁹, dice. Su “identificación humana con los esclavos”, según sus propios términos, sería “una imagen inolvidable de la infancia, en una primera impresión, que decidí, estoy seguro, el empleo ulterior de mi vida”⁴⁰.

La capacidad de conjuntar la teoría con la práctica se revela, sobre todo, en *O Abolicionismo*, que en la opinión de Francisco Iglesias, es : “la reflexión más coherente, exhaustiva y completa jamás realizada en Brasil sobre el tema, (...) uno de los libros más importantes de las Ciencias Sociales que se han escrito en Brasil”⁴¹.

El punto de vista es apoyado, entre otros, por Evaldo Cabral de Melo, quien, en Conferencia en el Ministerio de Relaciones Exteriores, en 1999, con ocasión del sesquicentenario del nacimiento de nuestro homenajeado, muestra la centralidad, para Nabuco, de la esclavitud como un elemento define la sociedad brasileña.

³⁸ NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Rio de Janeiro: Top Books, 1999, p. 27.

³⁹ Idem, p. 162.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ IGLÉSIAS, Francisco. "Texto Introdutório". In: NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. In: SANTIAGO, Silviano (coord.). *Intérpretes do Brasil volume I*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000, p. 13.

Nabuco fue un intelectual capaz de ver las realidades de su tiempo fuera de su posición de clase o de su afiliación ideológica. Como destaca Gilberto Freyre, Nabuco fue “un desertor de su casta, su clase, su raza, cuyos privilegios combatió (...) con fuerza (...) y audacia”⁴². Leonardo Silva Dantas se refiere, en este contexto, a un discurso, en 1884, dirigida a la clase de artistas de Pernambuco, donde Nabuco rechaza la identificación con los terratenientes y los comerciantes: “Elegiría”, dice, “el insignificante, el oscuro, el despreciado elemento obrero, porque en él se encuentra el germen del futuro de nuestro País, porque sólo el trabajo manual da fuerza, vida, dignidad a un pueblo”⁴³.

En otro registro, vale la pena recordar la defensa vigorosa que Nabuco, católico, hizo de la secularización de las instituciones, tanto por los vivos y los muertos. Una vez dio un discurso en el Parlamento, en el que se quejaba de que “el cadáver del general Abreu e Lima recorrió las calles de Recife, sin que la autoridad civil, que tenía jurisdicción sobre el cementerio municipal, (...) reclamara el cuerpo para dar su tumba. (...) Cuando tomaron la prueba que no eran sólo los vivos sino que también eran los muertos que eran objeto de persecución religiosa”⁴⁴. Tengase en cuenta que Abreu e Lima – el general brasileño compañero de Simón Bolívar – propugnaba un ideario político con inspiración socialista, y Nabuco era un liberal. Esta diferencia de puntos de vista no ha disminuido la defensa que Nabuco, con una actitud digna del famoso aforismo de Voltaire, hizo de los derechos humanos y la dignidad de Abreu e Lima, incluso después de la muerte. Como se sabe, el cadáver del general bolivariano fue, finalmente, enterrado en el cementerio de los ingleses, “más tolerante en materia religiosa.

Machado de Assis, un gran amigo y admirador de Nabuco, registra el “espíritu libre” del grande pernambucano: “Su opinión de la Revolución Praieira (...) me pareció excelente. No exhala el olor partidario, que sofoca a los lectores”⁴⁵.

La racionalidad de tono británico (es decir, pragmática) de Nabuco, destacada por Gilberto Freyre, no impidió su adhesión a los principios, ni lo

⁴² FREYRE, Gilberto. “Joaquim Nabuco e as reformas sociais”. In: *NABUCO, Joaquim. O Abolicionismo*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 15.

⁴³ NABUCO, Joaquim. *Campanha abolicionista no Recife: eleições de 1884*. Brasília: Senado Federal, 2010, p. 135.

⁴⁴ *Perfis Parlamentares. Joaquim Nabuco*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1983, p. 205.

⁴⁵ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Coluna em *A Semana*, [Rio de Janeiro?], 22 mar. 1895.

condujo al abandono del idealismo. En *Minha Formação* define así su papel como un hombre público: “Miré en la política el lado moral, me imaginé una especie de caballería moderna, la caballería andante de los principios y reformas⁴⁶.”

Esta autodefinición nos lleva a la figura de Don Quijote en su fidelidad a un ideal, al entregarse a una causa, tan bien descrito por San Tiago Dantas en su famoso ensayo *Don Quixote, apólogo da alma ocidental*.

En el prefacio de *Minha Formação*, Nabuco hace una digresión, reveladora de su actitud hacia la vida y la sociedad, donde emergen indicios de que su verdadera causa, tanto o más que la abolición, era Brasil. Cito un pasaje que, seguramente, inspirará a los que están en la vida pública: “Si hay algo que he observado en el estudio de nuestro pasado, es cómo son inútiles nuestros intentos de deprimir, y como siempre venga la generosidad. No otorgo, sin embargo, el *bon à tirer* de este libro, sino porque estoy convencido de que no va a debilitar a nadie en el espíritu de acción y lucha, la valentía y determinación para luchar por las ideas que juzguen esenciales, pero sólo indicará algunas de las condiciones para que el triunfo pueda considerarse una victoria nacional, o una vitoria humana, y que la vida, sin ser una obra de arte, lo que sucede a muy pocos, realice al menos una parcela de la belleza⁴⁷.”

El enigma Nabuco

Nabuco causa sorpresas con el enfoque personal en la autobiografía pionera *Minha Formação*, con la denuncia de toda la sociedad en *O Abolicionismo* y la exaltación y crítica indirecta que hace a la “grande era de Brasil” en *Um Estadista do Império*. ¿Dónde está en definitivo la esencia de Nabuco?

És, por un lado, “tránsfuga de su casta, su clase, su raza”, en palabras de Gilberto Freyre, y, por otro, mantiene una fidelidad casi incomprensible para la Monarquía y D. Pedro II. El monarquista y el reformista social, el diplomático y el teórico humanista, el defensor del orden y de la liberación humana, todos vivían juntos en el espíritu de Joaquim Nabuco. Más que la evolución del *dandy* juvenil hasta el intelectual comprometido de la madurez – de Quincas, el Bello, hasta el abolicionista –, la aparente falta de cohesión

⁴⁶ NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Rio de Janeiro: Top Books, 1999, p. 45.

⁴⁷ Idem, p. 20.

en su sistema de creencias amplifica su carácter enigmático. La grandeza de Joaquim Nabuco es también desvendada por la naturaleza no lineal de su pensamiento.

En un intento por comprender la personalidad de Nabuco, Francisco Iglesias destaca que “el aspecto apolíneo del muchacho predestinado a la política escondía un hombre sensible, angustiado, a menudo cerca de la desesperación”⁴⁸.

“Il fait jour dans votre âme ainsi que sur vos fronts”.

“La nôtre est une nuit où nous (nous) égarons”

Este verso del poema trágico *Toussaint Louverture*, de Lamartine, es utilizado por Nabuco como epígrafe de su *O Abolicionismo*.

La evocación del héroe de la independencia de Haití es una oportunidad espectacular. Este hallazgo, casi casual, en medio de la extracción de los textos de Nabuco, me lleva a concluir esta Conferencia con un homenaje profundo y sincero a los muchos – brasileños, haitianos y personas de un gran número de nacionalidades – que vieron sus vidas arruinadas por el sismo que victimó Haití el día 12 último. Y no solo ellos sino los que, con terquedad, luchan por sobrevivir – o hacer que los demás sobrevivan. Brasil ha tomado para sí un compromiso irreversible con el presente y el futuro de este país hermano y de su pueblo sufrido. Nuestras Fuerzas Armadas son el principal componente militar de la operación de paz de la ONU en Haití, desde 2004, y ha contribuido a estabilizar el país y al bienestar de los haitianos. Muchos brasileños que perdimos en la tragedia de la semana pasada estaban en Haití para ayudar en esta tarea. Fue posible trazar en la mente de Joaquim Nabuco, la solidaridad regional – y ¿por qué no decir las afinidades afroamericano? – como un principio de acción diplomática. Nabuco creía que los destinos de los países del continente estaban entrelazados. El sufrimiento del pueblo haitiano es ahora, más que nunca, participado por el pueblo brasileño – y motivo adicional para nuestro compromiso.

⁴⁸ IGLÉSIAS, Francisco. "Texto Introdutório". In: NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. In: SANTIAGO, Silviano (coord.). *Intérpretes do Brasil volume I*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000, p. 9.

El homenaje al Embajador Joaquim Nabuco y a su compromiso con la dignidad de todo ser humano es, por extensión, un homenaje a aquellos que se dedican, a veces incluso con el sacrificio de la vida misma, a la mejora de las condiciones de vida para la humanidad en la Tierra.

Gracias.

Referencias Bibliográficas

ALMINO, João. “O pote de barro e o pote de ferro a utopia de Nabuco para a duas Américas”. In: *Política Externa*. São Paulo: Editora Paz & Terra. Vol. 18, nº 2, Set/Out/Nov. 2009.

ALONSO, Ângela. *Joaquim Nabuco. Perfis brasileiros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

AMADO, Gilberto. “Nabuco no Teatro da Abolição”. In: NABUCO, Joaquim. *Minha Formação no Recife*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1955.

BARBOSA, Rui. *O Desenho e a Arte Industrial – discurso no Liceu de Artes e Ofícios em 25 de novembro de 1882*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1949.

_____. & NABUCO, Joaquim. *Meu caro Rui, meu caro Nabuco, correspondência*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 1999.

BURNS, Bradford E. *A aliança não escrita. O Barão do Rio Branco e as relações Brasil-Estados Unidos*. Rio de Janeiro: EMC, 1999.

CARVALHO, José Murilo de. “Quincas, o Belo”. In: *Folha de S. Paulo*, 17/1/2010.

DÁVILA, Sérgio. “De pernas para o ar”. In: *Folha de S. Paulo*, 17/1/2010.

FERNANDES, Raul. *Joaquim Nabuco, diplomata*. Rio de Janeiro: MRE.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. “O Humanismo de Nabuco”. In: *Estudos e Conferências*. São Paulo: Editora Comercial, 1961.

FREYRE, Gilberto. “Joaquim Nabuco e as Reformas Sociais” In NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

_____. “Introdução”. In: *Perfis Parlamentares. Joaquim Nabuco*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1983.

_____. “O Instituto Joaquim Nabuco”. In: FREYRE, Gilberto. *Perfis Parlamentares*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1994.

_____. “Introdução”. In: NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Brasília: Senado Federal, 1998.

HEGEL, G. W. F. “*Letters of January 23, 1807, and October, 1808*”. In AVINERI, Sholmo, *Hegel’s Theory of the Modern State*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

IGLÉSIAS, Francisco. “Texto Introdutório”. In: NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. In: *Intérpretes do Brasil volume I*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2000.

LIMA, Hermes. *O Construtor, o Crítico e o Reformador na Obra de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Coluna em *A Semana*. 22/3/1895.

MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia – introdução à Sociologia do Conhecimento*. Porto Alegre: Editora Globo, 1956.

MARTIN, Percy F. *Through Five Republics (of South America) A critical description of Argentina, Brazil, Chile, Uruguay and Venezuela in 1905*. London: William Heinemann, 1906.

MELLO, Evaldo Cabral (Org.). *Joaquim Nabuco. Diários. Volumes I e II*. Rio de Janeiro: Bem Te Vi Produções Literárias & Editora Massangana.

MENCK, José Theodoro M. Menck. *A questão do Pirara (1829-1904)*. Brasília: FUNAG, 2009.

NABUCO, Joaquim. *Um estadista do Império. Volume único*. São Paulo: Ed. Nova Aguilar, 1975.

_____. *O Abolicionismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

_____. *Minha Formação*. Rio de Janeiro: Top Books, 1999.

_____. *Balmaceda*. Brasília: Senado Federal, 2003.

_____. *Campanha Abolicionista no Recife. Eleições de 1884*. Brasília: Senado Federal, 2010.

SAN TIAGO DANTAS, Francisco Clementino. *Dois Momentos de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro; Casa de Rui Barbosa, 1951.

_____. *D. Quixote um apólogo da alma ocidental*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1979.









<i>Formato</i>	<i>15,5 x 22,5 cm</i>
<i>Mancha gráfica</i>	<i>12 x 18,3cm</i>
<i>Papel</i>	<i>pólen soft 80g (miolo), duo design 250g (capa)</i>
<i>Fontes</i>	<i>Times New Roman 17/20,4 (títulos), 12/14 (textos)</i>